

11 de setembro:

Trinta anos do golpe contra Allende
Dois anos da queda do WTC

Centenário de T. W. Adorno

EDITORIAL

O dia **11 de setembro de 1973** marcou a vida e a história dos povos da América Latina. Não só. No mundo, a morte violenta de Salvador Allende significou, para muitas pessoas, a morte da possibilidade da construção de um mundo justo e livre. Trinta anos depois lembrar este acontecimento é fazer memória de todas as pessoas que foram torturadas, exiladas e assassinadas como decorrência da era Pinochet, apoiado, então, não só pelos EUA, mas pelas ditaduras circunvizinhas, como a brasileira, cujos 40 anos acontecerão em 1º de abril de 2004.

Neste número a Prof^a. Olga Collinet Heredia, chilena e nossa colega aqui na Unisinos e no IHU, recorda, emocionada, o que foi este dia 11 de setembro de 1973, em entrevista concedida ao nosso boletim. A Prof^a. Dr^a. Heloisa Jochims Reichel, professora do PPG de História da Unisinos, analisa o significado do 11 de setembro chileno. Traduzimos, também, uma entrevista, publicada na revista alemã **Jungle World**, do sociólogo chileno Tomás Moulian, na qual reflete sobre a era Pinochet e como a democracia chilena, especialmente na economia, depende desta.

O dia **11 de setembro de 2001** é o dia do ataque ao símbolo do poder político, econômico e cultural da potência hegemônica no mundo, hoje, os EUA. Jürgen Habermas, Jacques Derrida e Jean Baudrillard, entre muitos intelectuais têm se debruçado sobre o significado deste evento (foi um evento? Segundo Baudrillard, não!)

Publicamos, neste número, dois breves artigos dos dois primeiros filósofos e uma entrevista com o Prof. Dr. Juremir Machado da Silva, professor na PUCRS, sobre a análise de Jean Baudrillard. “11 de setembro: Ano III. Uma reflexão a partir de Jean Baudrillard”, será o tema do **IHU Idéias**, da próxima quinta-feira, a cargo do Prof. Dr. Juremir Machado da Silva.

En passant, diga-se que a nossa equipe de comunicação tentou uma entrevista com o filósofo francês, mas ele estava de férias na Grécia.

O impacto do 11 de setembro sobre e nos meios de comunicação é o tema da entrevista concedida ao **IHU On-Line** pelo jornalista Carlos Dorneles, autor do livro **Deus é inocente: A imprensa, não**.

O dia **11 de setembro de 1903** é a data do nascimento de Theodor Ludwig Wiesengrund-Adorno. Portanto, celebramos, nesta semana, o seu centenário de nascimento. Filósofo que articulou a crítica do conhecimento, crítica social e crítica de arte, ele é autor de livros que se tornaram clássicos, como **Dialética do Esclarecimento**, escrito conjuntamente com Max Horkheimer, **Minima Moralia** e **Dialética Negativa**. Adorno é o filósofo que não podia conceber a atividade filosófica sem a presença no seu horizonte da idéia de uma sociedade livre de qualquer forma de domínio, violência e ressentimento. Este é, propriamente, o sentido de uma teoria crítica, que descreve e contempla a realidade desde o contraste com que seria possível ou desejável.

Além de todos estes significados, também acontece, nesta semana, a reunião da Organização Mundial do Comércio em Cancún. Numa próxima edição esperamos poder tratar este tema.

A todos uma boa leitura e uma ótima semana!

ALLENDE: 30 anos

ALLENDE: O PRIMEIRO GOVERNO DEMOCRÁTICO DE ESQUERDA Entrevista com Olga Collinet Heredia

Chilena, residente no Brasil desde 1980, a professora Olga Collinet Heredia foi uma testemunha ocular do golpe militar no Chile, em 11 de setembro de 1973. A professora do Centro de Ciências Humanas que atua também na área de concentração Ética, Cultura e Cidadania do IHU conversou com IHU On-Line sobre esse dia e trazendo lembranças dos dolorosos fatos que precederam e seguiram à instauração de um dos períodos mais difíceis para o povo chileno. Olga Collinet Heredia é Mestre em Demografia pela Université Catholique de Louvain, U.C.L., Bélgica, e graduada em História pela Pontifícia Universidade Católica de Santiago de Chile.

IHU On-Line- Quais as principais lembranças do dia 11 de setembro de 1973?

Olga C. Heredia- Naquele dia, às 7h, eu ia para meu trabalho. Na época lecionava em duas escolas e uma universidade, em Santiago. Nas ruas, nos ônibus, em todos os locais havia militares mandando as pessoas de volta para casa e anunciando que haveria toque de recolhida. Voltei para casa e, com meu marido, escutamos as notícias no rádio. Os militares

pediam que as pessoas não saíssem de casa e anunciavam um bloqueio geral de meios de transporte. Meu marido, brasileiro, exilado no Chile desde 1970, tentou se encontrar com um grupo de amigos da Universidade, a maior parte deles também brasileiros exilados, mas o lugar onde iam se reunir estava bloqueado. Avisaram que haveria três dias de toque de recolher, nesses três dias todo o comércio estaria fechado, ninguém poderia sair de casa. Pediram também que os estrangeiros se apresentassem no reduto militar. Meu marido não foi. Muitos dos que se apresentaram, foram diretamente para o Estádio Nacional, um dos principais centros de tortura. Anunciaram que começaria nesses dias a operação “pente fino”.

IHU On-Line- Em que consistia essa operação “pente fino”?

Olga C. Herédia- Os militares entravam nas casas buscando indícios de subversão, em muitos casos destroçavam o que encontravam. Era comum, militares nas ruas queimando livros, inclusive um livro que se intitulava, por exemplo “A revolução das matemáticas”, todo título que, para eles, pudesse significar transgressão à ordem era queimado. Nós morávamos em um pequeno condomínio. No edifício, havia uma divisão bem acentuada: umas pessoas eram a favor de Allende, outras eram contra. Nós, no início, tentamos queimar livros que tínhamos como as obras de Marx e outros. Como isso gerava muita fumaça no prédio, acabamos cortando todos os livros e fazendo papel marchê, que esquentamos em panelas de feijoada com farinha e água e, em sacolas plásticas, colocávamos com o restante do lixo do condomínio. À noite, os militares passavam com holofotes para iluminar os apartamentos, para acentuar um certo clima de pânico. Depois desses três dias, foi permitido sair pro duas horas para comprar o necessário para continuar dentro dentro de casa. Nessas duas horas, meus pais vieram nos buscar e fomos para a casa deles. Dias depois, eu consegui voltar a minha casa e estava tudo revirado e notei que, dos livros que não queimamos, restava a metade. No dia 18 de setembro, meu marido se asilou na embaixada de Panamá. Era um apartamento não muito grande e lá já havia 180 pessoas. Parecia um galinheiro: um de pé ao lado do outro. Havia mulheres grávidas e mães com bebês recém-nascidos. Pessoas enlouquecendo e outras em condições de saúde cada vez piores. A maioria eram uruguaios, argentinos e brasileiros. Nesses dias, o sociólogo Teotônio Santos (conferir o nome correto dele.. tem livros escritos, vive no Brasil...), que estava lá, fez um acordo com a embaixada para que as pessoas fossem levadas para a casa dele que era maior. Dias depois da mudança, a embaixada levou todos os asilados para o Panamá. Aliás, a maioria das embaixadas de países latino-americanos, menos a do Brasil, onde já se instalara a ditadura, embaixadas de Europa, a Nunciatura Apostólica, todos foram muito solidários e deram asilo e proteção a muita gente. Uma vez no Panamá a embaixada deu cobertura para chegar a vários países que ofereciam refúgio. Nestor, meu marido, foi para Bélgica, e eu também fui para lá em janeiro de 1974.

IHU On-Line- Como avaliaria os três anos do Governo Allende?

Olga C. Herédia- Allende tinha sido o primeiro presidente de esquerda escolhido democraticamente. Começou seu mandato com a nacionalização das minas de cobre que estavam nas mãos de capitais estrangeiros. Isso despertou uma reação de alguns chilenos que viram seu status e tranquilidade econômica ameaçados. Essas pessoas, com o apoio dos EUA, financiaram uma greve de caminhoneiros de mais de um mês, o que dificultou enormemente a comunicação e o transporte de alimentos. Foi um complô de diversos grupos para gerar um clima de instabilidade e depois justificar o golpe para acabar com a “desordem”.

Mas muitos de nós pensávamos que Allende era a única saída para a situação do País. No discurso final, ele se refere a Pinochet e outros como “militares rasteiros, traidores”. Embora houvesse um ambiente tenso, nos meses anteriores ao golpe, ninguém imaginava o que iria

acontecer, nem mesmo Allende. Após o discurso, a casa de governo e a residência presidencial foram bombardeadas. Foram alvos muito diretos. Antes de destruir a casa do Presidente, a tevê mostrou os quartos, suas roupas e as bebidas querendo revelar a incoerência entre o discurso e a realidade. Depois disso, o bombardeio destruiu totalmente a casa de Allende.

IHU On-Line- Quais as marcas mais visíveis deixadas por esses anos de autoritarismo no povo chileno?

Olga C. Heredia- No Chile, não há uma família que não tenha sido afetado pela morte ou o exílio. O chileno era mais extrovertido e acolhedor, principalmente com o estrangeiro. Hoje em dia, sente-se ainda existe um medo que não foi superado. As pessoas recuam diante dos militares. Perdeu-se a espontaneidade e a capacidade de manifestação. Além das conseqüências nas privatizações da saúde e dos serviços essenciais.

Por outro lado, aquele momento intelectual tão rico que se vivia nas universidades não existe mais. No início da década de 70, havia um debate público na universidade sem precedentes. As grandes cabeças da sociologia da América Latina estavam lá. Intelectuais do Brasil, Argentina e Uruguai, atraídos pela vitória de Allende. Hoje estamos muito longe disso.

AS DITADURAS MILITARES E OS PROJETOS DE PAÍSES

Entrevista com Heloisa Jochims Reichel

IHU On-Line conversou com Heloisa Jochims Reichel, professora no PPG em História da Unisinos, Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo, USP, e Pós-Doutora pela Universidade Pompeu Fabra, Espanha. Atualmente trabalha com projetos de pesquisa nas linhas de “idéias e movimentos sociais na América Latina”, “cultura e sociedade na Ibero-América”, e “história da região e identidade na Ibero-América”. É autora, entre outros livros, de **Fronteiras e Guerras no Prata**. São Paulo: Atual, 1995; **América Platina e Historiografia: história agrária, imigração e etnia; história política e mentalidades** (org.). São Leopoldo: PPGH/Unisinos, 1996; e **As raízes históricas do Mercosul: A Região Platina Colonial**. São Leopoldo: Unisinos, 1996.

IHU On-Line- Há 30 anos do golpe militar no Chile, qual o significado desse fato?

Heloisa Reichel- O golpe de Estado no Chile tem um significado muito importante. Foi um momento de grande frustração para a esquerda latino-americana e para todos aqueles que pensavam uma outra América Latina diferente da alcançada pela via cubana. Seria via revolução, mas sem autoritarismo, nem vinculação direta com a União Soviética. O governo de Salvador Allende foi uma tentativa do que se pensava como revolução, de renovar as estruturas, pela via democrática. Allende havia sido eleito e, no seu governo, estavam-se realizando reformas que levariam o Chile a uma renovação econômica e social. Foi uma enorme frustração esse 11 de setembro.

IHU On-Line- Havia um plano dos EUA para a América Latina?

Heloisa Reichel- Temos que entender isso no contexto da Guerra Fria. No início dessa guerra havia uma certa pressão dos EUA em relação a toda América Latina para que ela se alinhasse na sua órbita de influência. Logo depois da Segunda Guerra, com a ênfase à democracia e o clima anti-ditadura, os partidos comunistas passaram à legalidade. Havia a penetração das idéias comunistas e a URSS estava buscando aumentar sua área de influência. Com a revolução cubana, vem se tornar para os EUA, quase que uma questão de honra, o fato de

defender os interesses de sua hegemonia sobre os países de América Latina e impedir o avanço do comunismo na região. Isso significava defender também os interesses das grandes empresas norte-americanas que, nesses tempos, adotavam novas estratégias de expansão, colocando, aqui, suas plantas industriais. Política e economicamente – para os EUA - há um interesse e um planejamento para a dominação e controle da América Latina. Por outro lado, nesse período, os EUA estavam envolvidos com o Vietnã e, sendo assim, não queriam criar outros pontos de atrito. Uma iniciativa importante para favorecer o alinhamento dos países da América Latina aos EUA, iniciada já antes da revolução cubana, foi a política de formação militar financiada pelos EUA. Formaram toda uma geração de militares absolutamente atrelada ao imperialismo americano. Toda a orientação relativa à logística e armamentos era fornecida por eles. Nesse sentido, tinham uma política que concretizavam em ações efetivas. A América Latina para os EUA era uma área de domínio indiscutível. Isso já acontecia desde que Roosevelt definira o *corolário à Doutrina Monroe* no início do século XX e agora, durante a guerra-fria, mais do que nunca.

IHU On-Line- Qual é a importância dos países do Cone Sul nesse projeto todo?

Heloisa Reichel- Nessa área do sul, o problema era bem mais difícil de controlar, porque não são como, por exemplo, os países de América Central, com estrutura econômica mais simples, basicamente agrários onde o poder dos EUA, e das suas grandes empresas era grande. Ali eles botavam e tiravam ditadores como, Somoza, na Nicarágua, Trujillo, na República Dominicana, os quais eram títeres dos seus interesses. No Cone Sul, os países tinham uma história de autonomia e de desenvolvimento nacional bem mais expressiva, uma população urbana e um proletariado rural e urbano muito mais abertos à influência do comunismo. O Cone Sul era uma região que preocupava os EUA.

IHU On-Line- Quando Allende assumiu sabia, então, quais eram seus riscos?

Heloisa Reichel- É lógico que Allende sabia das dificuldades, mas se apostava muito na possibilidade de existir uma maioria numérica que iria apoiá-lo e dar-lhe condições de governabilidade. O que não existia, talvez, no momento, era uma avaliação da força do poder econômico. Avaliava-se muito o que chamávamos de produções objetivas, quais as condições de trabalho, de organização da classe operária, de manifestação através das greves. Na Europa, já havia uma crítica ao Marxismo, já tinha acontecido “o maio de 68”, mas aqui não se fazia essa crítica ainda. Usava-se literatura marxista que hoje é considerada mera aplicação mecânica, que força absolutamente a realidade. Hoje, se tem claro que a dominação se dá muito mais através do inconsciente das pessoas do que propriamente por essas condições objetivas. Allende não conseguiu avaliar essas questões, inclusive o próprio papel da mídia e dos meios de comunicação em toda a divulgação e defesa de um bem estar, de um conforto individual que o capitalismo trazia.

IHU On-Line- Por que a ditadura no Chile foi das mais duras?

Heloisa Reichel- O Chile passou por um governo de direita, eleito por voto popular e que, tendo realizado reformas, era necessário desmontar. No País existia uma participação política de vários setores da sociedade no sentido de apoiar aquele governo. Outro aspecto importante é que quando o golpe ocorre, é de surpresa. Estava sendo previsto, mas ninguém pensava, por exemplo, que viria via Pinochet. Ele inclusive tinha um cargo de chefia no governo Allende. Além disso, temos que considerar o processo histórico chileno. A história do Chile é uma história de conflitos, de posicionamentos marcantes dos seus setores populares em vários momentos. O movimento operário no Chile é aguerrido, organizado, sempre lutou. É um dos

operariados mais organizados e combativos da América Latina. A intelectualidade lá é muito forte. Ao mesmo tempo, o País estava à mercê do capital estrangeiro. A economia chilena era muito atrelada aos EUA. O setor mineiro pertencia à economia norte-americana. Então era um campo de luta muito intenso, pegando fogo constantemente. Nesse contexto, há que pensar a opressão da ditadura e o porquê de os EUA não deixarem acontecer o governo Allende.

IHU On-Line- Haveria como comparar o governo Allende e o Governo Lula, sendo que ambos chegaram ao poder com expectativas semelhantes?

Heloisa Reichel- Eu, atualmente, estou extremamente desiludida com o governo Lula, por isso não tenho condições de responder a essa pergunta. Apostei, acreditei, era a utopia que nos restava e acho que a condução está sendo muito diferente da de Allende, que iniciou fazendo reformas importantes, estruturais. Ele encontrou inúmeras dificuldades e tentou enfrentá-las. Acho que Lula tomou o rumo do comodismo, do mais fácil, e o que mudou? Nada, tudo é como era antes. A economia absolutamente estagnada. Não há uma virada, não no sentido de caos, e sim de algo que promova um desenvolvimento econômico e social. O que é o Fome Zero? Um assistencialismo, até agora não saiu disso. Na reforma da previdência, tomou-se o caminho mais fácil. Nunca se chega a apertar interesses como os das grandes empresas que têm isenções. Algumas coisas foram corretas, mas foi o caminho mais fácil. Aqueles pontos que são realmente os grandes gargalos continuam iguais.

IHU On-Line- Acha que esse período das histórias do Cone Sul, que foram as ditaduras militares, foi suficientemente debatido, compreendido e criticado?

Heloisa Reichel- Claro que não. O Uruguai é um dos países que mais tenta. É um dos temas mais estudados. Tenta compreender porque ele, que tinha o orgulho de ser um país democrático, a Suíça da América, com um nível social e cultural alto, caiu numa ditadura do jeito que foi. Mas, o Uruguai está em uma depressão econômica muito séria e, em vez de, no período da redemocratização ter melhorado, como era a grande esperança, continuou afundando cada vez mais. O País está em depressão, não somente econômica, mas social. É um dos países com mais alto índice de suicídios. No Brasil, atualmente, até acho que há um esforço por mostrar os aspectos positivos da ditadura como o desenvolvimento econômico e crescimento industrial. Apareceu no jornal a sessão da Câmara em homenagem a Roberto Marinho. Antônio Carlos Magalhães, que todo mundo sabe quem é, aonde ele chegou e por que chegou, como Ministro das comunicações na época da ditadura, disse que Roberto Marinho amava a democracia. Para completar, Aloísio Mercadante também deu grandes elogios a Marinho. Eu vejo que há um clima para mostrar aspectos positivos e não entrar na crítica. Na Argentina, a coisa vai mais longe. Acho que ela quer ir a fundo. Ela não esqueceu nem passou por cima, e há pessoas querendo saber. No Chile, a sociedade está dividida, eu diria 55% pró-Pinochet e 45% contra. O conflito continua.

IHU On-Line- O que ganhamos olhando para o passado?

Heloisa Reichel- Acho que isso leva a que não se repita a história novamente. Eu faço várias críticas à pós-modernidade, mas acho que ela nos ofereceu um ganho importante: aceitar a diversidade. Em outros momentos, não era possível concebê-la. Dividia-se o mundo em duas partes, e havia uma disputa entre elas. Hoje há uma grande valorização da memória oral da história, há várias visões, várias óticas: um vê a partir daqui, outro, dali, e outro de lá. Rever a história vai fazer vir à tona os projetos do País, que foram abafados, desviados, truncados. E, então, avaliar porque não deram certo.

CHILE – 30 ANOS DEPOIS

*Completam-se 30 anos do golpe militar comandado por Pinochet no Chile. Nesta entrevista, que traduzimos, publicada na revista semanal alemã **Jungle World**, em 6 de agosto de 2003, Tomás Moulian, sociólogo chileno, comenta o papel desempenhado por Pinochet. Tomás Moulian é autor do livro **Chile atual, anatomia de un mito**. Santiago: Ed. Lom/Arcis, 1997. Este texto, sugerido por nós, foi traduzido do alemão pelos colegas do CEPAT – Curitiba, aos quais agradecemos. Os subtítulos são também destes nossos colegas.*

Pinochet – da traição à tragédia

Pergunta - Como Augusto Pinochet é visto hoje?

Tomás Moulian - Ele é visto das mais diversas formas, dependendo de quem olha. Eu, pessoalmente, o considero um traidor e continuarei sempre com esta opinião. Para mim, ele é uma pessoa que levou a traição até o limite da tragédia. O antigo presidente socialista, Salvador Allende, é o pai do seu poder. Pinochet praticamente nasceu no dia em que foi nomeado Chefe do Exército por Allende. Pensando assim, poderia se dizer que Pinochet matou seu pai. Foi necessário que ele matasse o pai para fundamentar seu poder. Isso deve ser entendido como um ato 'chave' simbólico e não como um simples ato casual, pragmático.

'Ele conseguiu dividir o país para sempre'

Pergunta - Como se explica que uma parte do povo chileno, até hoje, justifica a ditadura?

Tomás Moulian - De um lado Pinochet fez sucesso. E esta é a diferença entre Pinochet e o ditador argentino Jorge Rafael Videla. Videla foi colocado na prisão e na Argentina não aconteceu absolutamente nada. Qualquer um podia cuspir nele, na rua, e nada acontecia. Ao passo que Pinochet tornou-se um símbolo vivo. Ele conseguiu dividir o país para sempre. Existe uma massa pinochetista. Pinochet recebeu 42% dos votos no plebiscito (de 1988, que encaminhou a duvidosa volta à democracia). Isso é um retrato do Chile. Uma parte do país se identifica com Pinochet – o Chile autoritário. É um fato que somos obrigados a reconhecer.

Pergunta - Então Pinochet não pode ser olhado como uma figura isolada, um tipo de 'monstro político', que fala por si só?

Tomás Moulian - Pinochet nos obriga a pegar um espelho e o Chile que nele vemos refletido não é idealizado e mítico, como está na nossa cabeça. Também não é o Chile que nossas elites, nossos políticos, nossos historiadores, intelectuais e nós todos desejamos. O Chile de Pinochet se revela amaldiçoado. Pinochet foi a resposta à fraqueza da nossa classe burguesa, à fatalidade de que no capitalismo chileno havia tão poucos capitalistas e foi por isso que o Estado produziu este capitalismo. É um capitalismo fabricado de cima para baixo. Foi contra este capitalismo produzido em cima que os pinochetistas se reuniram, com Pinochet na liderança, para modificar a sociedade e este tipo de capitalismo. Pretendiam criar o verdadeiro capitalismo neoliberal. Foi assim que Pinochet foi transformado nesta monstruosa, mas historicamente necessária figura, tal como Robespierre foi necessário à Revolução Francesa.

A 'Concertación'

Pergunta - Isso significa que Pinochet continuará existindo na imaginação da coletividade, mesmo após sua morte?

Tomás Moulian - Pinochet transformou-se num personagem simbólico. Ele não existe como indivíduo, e sim, como símbolo. De alguma forma, ele ressuscitou a simbologia do antifacismo. Todo o mundo vê nele o facista, o que é um erro histórico, porque o facismo nunca exerceu o liberalismo econômico. Mas isso não significa nada, porque pessoas do mundo inteiro criaram uma fantasia de esperança na democracia, em torno de Pinochet. A direita chilena não o considera um ditador, porque ele abdicou voluntariamente o poder. Ele bem que gostaria de ter continuado no poder e seria um equívoco afirmar que renunciou assim, livremente. Ele foi obrigado a fazê-lo, porque, enquanto realizava aquilo que o capitalismo mundial exigia que se fizesse no Chile, começou a se tornar dispensável, pois se transformara num retrato, carregado de todos os elementos simbólicos. Estava na hora de aparecer alguém que humanizasse o neoliberalismo e demonstrasse que este pode existir sem autoritarismo. Este foi o papel histórico da 'Concertación' no Chile.

A condição histórica para a 'Concertación', quer dizer, para a aliança governamental, que, após o fim político de Pinochet, reuniu no poder diversos partidos de centro-esquerda, foi a de que a influência de Pinochet teria que ser restrita.

O verdadeiro temor do primeiro governo (do democrata cristão Patricio Aylwin, 1990 até 1994) não foi medo do exército, mas do caos econômico. Se tivesse chegado ao ponto de haver grandes abalos na economia chilena, os militares poderiam ter retornado, pois sua presença se faria necessária.

O autoritarismo - uma presença na cultura do Chile

Pergunta - Observando atentamente o camuflado, mas mesmo assim atuante militarismo e autoritarismo, poderia se afirmar que a ditadura venceu?

Tomás Moulian - Culturalmente o panorama chileno não é uniforme. Existem muitas correntes concorrendo entre si. O aspecto autoritário sempre esteve presente na cultura política do Chile. A gente que não o percebia Evidentemente este autoritarismo se manifesta numa verdadeira fobia, no que diz respeito à segurança pública, num país, no qual a delinquência cresceu, sim, mas não alcançou índices tão elevados como acreditam os chilenos. Existe uma obsessão de manter a segurança pública por meio de guardas privados e guarnecendo o país com prisões e outros meios de segurança que abarrotam a vida privada das pessoas.

'A reconciliação não vai acontecer nunca'

Pergunta - O assunto da reconciliação entre os chilenos ainda não foi resolvido?

Tomás Moulian - Ainda não foi resolvido. Melhor, esta reconciliação não vai acontecer nunca. Reconciliação é uma palavra não usada. Reconciliação quer dizer irmanar-se. E pode se dizer que existem dois irmãos que foram separados pelas lutas, mas que reconhecem sua origem em comum. Sabem que é o mesmo sangue que corre nas veias dos pinochetistas e nas dos antipinochetistas. O assunto reconciliação soa mal, porque não foi bem encaminhado. Somos induzidos a viver com tolerância, mas com a finalidade de amar o torturador. Isso é uma ilusão puramente mítica. A palavra reconciliação só existe na linguagem teológica, que foi substituída pela linguagem política.

Naturalmente podemos afirmar, por motivos práticos e éticos, que precisamos viver em paz, para não repetir as batalhas das noites de São Bartolomeu. Pessoalmente não sou irmão de nenhum desaparecido, bem como não existem desaparecidos em nossa família, mesmo assim não me conformo com aqueles que assassinaram os desaparecidos presos, ou com aqueles que os torturaram.

Pergunta - Será que Pinochet ainda tem algum significado político?

Tomás Moulian - Hoje em dia, a influência política de Pinochet é menor, mas ele sempre será considerado como o criador do sistema neoliberal e, por este motivo, a história fez uma ligação funesta entre a 'Concertación' e Pinochet. A 'Concertación' nunca mais se livrará da fatalidade de que deu continuidade ao sistema Pinochet.

11 de setembro: Ano III

11 DE SETEMBRO SEGUNDO JEAN BAUDRILLARD

entrevista com Juremir Machado da Silva

Na próxima edição do **IHU Idéias**, dia 11 de setembro de 2003, na sala 1G119, das 17h30min às 19h, o tema a ser debatido será *11 de setembro: Ano III. Uma reflexão a partir de Jean Baudrillard*, com o Prof. Dr. Juremir Machado da Silva, professor na PUCRS. Nascido em 29 de janeiro de 1962, em Santana do Livramento, RS, Brasil, Juremir Machado da Silva é jornalista (colunista dominical do jornal **Correio do Povo**), historiador, formado pela PUCRS, doutor em Sociologia pela Universidade René Descartes, Paris V, Sorbonne, França.

Leciona nos cursos de graduação e de pós-graduação da Faculdade de Comunicação Social, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Pesquisador do CNPq, fez pós-doutorado em Sociologia da Cultura, na Sorbonne, orientado por Michel Maffesoli, Jean Baudrillard e Edgar Morin.

Publicou onze livros, entre eles: **A miséria do cotidiano** (Porto Alegre: Artes & Ofícios, 1991), **Muito além da liberdade** (Porto Alegre: Artes & Ofícios, 1991), sobre o tema do moderno e do pós-moderno; **O pensamento do fim do século** (Porto Alegre: L&PM, 1993); **Anjos da perdição - futuro e presente na cultura brasileira** (tese de doutorado, Porto Alegre: Sulina, 1996); **Visões de uma certa Europa** (entrevistas, Porto Alegre: Edipucrs, 1998); e **A Miséria do jornalismo brasileiro** (Rio de Janeiro: Vozes, 2000). Na França, publicou **Le Brésil, pays du présent** (Paris: Desclée de Brouwer, 1999). Atualmente, edita a **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, é correspondente das revistas francesas **Sociétés** e **Cultures en Mouvement**, membro do Conselho Editorial do site **Trópico**, pertencente à **Folha de S. Paulo**, e coordenador da coleção "Comunicação" da EDIPUCRS.

Traduziu livros de Edgar Morin (**O Método**, volumes 3, 4 e 5), Michel Maffesoli (**A transfiguração do político**), Jean Baudrillard (**Tela total e Telemorfose**), Alain Robbe-Grillet (**Os últimos dias de Corinto**), Michel Houellebecq (**Partículas elementares e Extensão do domínio da luta**), Pierre Michon (**Rimbaud, o filho**), Cioran (**Entrevistas com S. Jaudeau**) e Yves Simon (**O Próximo amor**). Traduziu e organizou, com Francisco Menezes, **Para navegar no século 21 — tecnologias do imaginário e cibercultura**, Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 1999, e **As duas globalizações**, com textos de Edgar Morin e Joaquim Clotet (Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2001).

IHU On-Line- Qual será a idéia central na sua próxima apresentação no IHU Idéias?

Juremir Machado- O título de meu texto é *O 11 de setembro não aconteceu*. É um tipo de reflexão bem característica do Baudrillard. Ele escreveu um livro nos anos 90 intitulado *A guerra do Golfo não aconteceu*. É uma maneira de interpretar os fatos de acordo com as expectativas existentes em relação a algo. Meu objetivo é examinar a relação do 11 de setembro com o que a mídia disse em relação ao que ocorreu. Frases como: "o mundo nunca mais será o mesmo", próprias do discurso midiático, referem-se a fatos que não aconteceram. Com o 11 de setembro, o mundo mostrou que ele é exatamente o mesmo. Do ponto de vista dessa mudança

radical implícita nessa frase, o 11 de setembro não aconteceu. Há um pouco mais de controle para ir aos EUA, é mais difícil conseguir o visto, o Iraque foi ocupado, mas, isso é velho como a história, as ocupações, a discriminação aos estrangeiros, etc. Minha análise é sobre como a mídia acaba reconstruindo fatos de acordo com um determinado imaginário e que, em geral, os fatos não fazem muito para corresponder ao que a mídia diz deles. É preciso fazer uma diferença entre fato e acontecimento. Fato é o que ocorre, acontecimento é como a mídia diz que as coisas ocorreram.

IHU On-Line- Nesse contexto, explica-se a classificação de Baudrillard do 11/9 como um não-acontecimento?

Juremir Machado- Baudrillard diz, por exemplo, “o ano 2000 não aconteceu”. As pessoas esperavam que na passagem de 1999 para 2000 algo acontecesse, o mundo acabaria ou seria a entrada em uma espécie de nova era, mas seria uma passagem para algo extraordinário para o bem ou para o mal. O tempo é uma convenção, ele não existe de fato como numeração e, no dia 31 de dezembro e 1º de janeiro de 2000, tudo continuou igual. Do ponto de vista dessas expectativas, não ocorreu absolutamente nada. Fora alguns que se suicidaram, porque pensaram que aconteceria alguma coisa. O imaginário que foi construído durante séculos em relação ao ano 2000, ele não houve, embora nós estejamos nele. O 11 de setembro também, ele houve como fato, mas como acontecimento provocador de determinadas conseqüências não aconteceu.

IHU On-Line- Como ele interpreta os fatos que realmente aconteceram?

Juremir Machado- O 11 de setembro só é tão importante, porque aconteceu dentro do território norte-americano. Atentados são freqüentes. Pessoas morrem, às vezes, em número maior em outras situações, e o impacto é muito menor. Então é muito mais um acontecimento simbólico, claro para as pessoas envolvidas e para a população americana isso tem um aspecto hediondo, mas, do ponto de vista concreto, é mais um elemento numa história universal de violência, de terrorismo, de crueldade e de conflito. A história da humanidade é essa.

IHU On-Line- Quando Baudrillard esteve no Brasil, em maio deste ano, fez uma afirmação que deu algumas repercussões ao dizer que “Talvez as torres gêmeas merecessem ser destruídas”. O que ele quis dizer com isso?

Juremir Machado- A idéia de Baudrillard é bem simples, traz implícita a idéia de que algo só é realmente importante quando merece algum tipo de reação à altura de sua importância. Então, as torres eram de tal forma a imagem dos EUA que para serem representativas desse poderio, elas mereciam algo que estivesse a sua altura, como por exemplo, um ato extremo como o da destruição. Na verdade, é um jogo de palavras. Quer dizer assim: ninguém vai jogar uma bomba contra o monumento de Júlio de Castilhos, não tem essa importância. Só merece ser destruído aquilo que tem importância. Por um lado, é uma frase chocante, por outro lado é a avaliação da importância ocupada pelos EUA no mundo, no caso da importância simbólica das torres como emblema da cultura americana. Só merece ser destruído e ainda mais daquela maneira, aquilo que, de alguma forma, é mais importante do que tudo.

IHU On-Line- Que conclusões podem ser tiradas, quando se entra no ano III daquele 11/9, levando em conta os acontecimentos posteriores?

Juremir Machado- A conclusão que a gente tira é a mais melancólica possível: a de que os homens continuam iguais. Em guerra entre eles, disputando palmo a palmo territórios de

riqueza e que o fato de sermos hoje mais desenvolvidos tecnologicamente do que nunca não nos fez mais tolerantes nem mais compreensivos e que nós estamos muito longe de eliminarmos essa tendência histórica e temporal universal para a violência. A grande conclusão é o retorno da frase de Hobbes: o homem é lobo do homem, por mais que fale de democracia e de fim da história. O próprio Baudrillard tinha falado durante um tempo de greve dos acontecimentos, equivalente ao fim da história de Fukuyama. Ou seja, nós chegamos a um ponto em que não acontece mais nada capaz de mudar o curso da história. Acontecem fatos aqui ou ali, mas não são fatos determinantes para mudar o curso da história, como poderia ter sido, por exemplo, a Revolução Bolchevique, depois a queda do muro de Berlim. Ele pensou que tínhamos chegado à saturação dos acontecimentos. Quando ele viu a explosão das torres, se emocionou e disse que era o fim da greve dos acontecimentos, que voltavam a existir. De alguma maneira sim, eu diria que felizmente, bem menos do que ele imaginava, porque esse acontecimento não alterou, como ele mesmo sonhava, a ordem histórica vigente. A potência continua sendo a potência, os excluídos continuam sendo excluídos, pode haver um pouco mais de angústia e de medo no mundo, mas não muito mais do que antes, e aos poucos, como sempre acontece, o horror vai sendo integrado na rotina, e as pessoas tornam a viver como sempre viveram e, de alguma forma, o acontecimento vai se tornando simplesmente memória. Sobre as conseqüências, podemos dizer que o Iraque está sentindo ainda essas conseqüências. Talvez se possa dizer que o 11 de setembro foi um pretexto para a invasão do Iraque. Talvez o Iraque e o próprio Saddam não tivessem grande coisa a ver com isso.

IHU On-Line- Dessa forma, parece um horizonte sem sinais de esperança?

Juremir Machado- Eu, pessoalmente tenho, agora o Baudrillard, não sei, acho que não. Ele não é um sujeito que pense em termos de pessimismo e otimismo. Ele é um autor que funciona muito mais em termos de uma análise irônica da situação. O que podemos fazer é interpretar. Eu diria que o 11 de setembro não tornou o mundo pior nem melhor, o mundo continua sua marcha de terror. Até agora a potência se mantinha incólume. Todo lugar poderia ser atingido menos o coração da potência. Isso é um dado novo. Alguns historiadores diriam que é sempre assim. As potências têm um ciclo. Elas nascem, crescem e morrem. Eu não digo que os EUA venham a perecer como potência tão cedo. Não deve ser assim. Em todo caso, as potências também são atingidas no coração. Se o que se espera, de alguma forma, é que a humanidade se torne melhor, e que a gente enxergue a luz no fim do túnel: aqui está o caminho da tolerância, do entendimento, da paz...Isso está difícil. Basta ver o que continua acontecendo, por exemplo, a cada seis meses se anuncia um plano de paz no Oriente Médio, nas relações Israel-Palestina. Não acontece nada. Os atentados continuam, não se vê nenhuma possibilidade. Talvez um dia, se construído um estado palestino, haja alguma possibilidade. Enquanto isso, tudo igual. Se dá para tirar alguma lição, não é de esperança, não, é o contrário.

IHU On-Line- Qual o Sr. acha que é o principal aporte de Baudrillard?

Juremir Machado - Tentar refletir com instrumentos diferentes dos instrumentos tradicionais. Normalmente um intelectual ou defende o sistema ou o ataca. Quando se é contra se é em nome de um outro sistema previamente concebido. Baudrillard está fora desse campo da crítica que se opõe como solução ao que ela ataca. Ele está em outra esfera que chamou de teoria irônica. Ele se limita a estudar ironicamente os paradoxos e contradições tanto do sistema quanto daquilo que tenta negar esse sistema. É um pensamento de franco atirador, não se situa em nenhum dos lados previamente estabelecidos.

IHU On-Line- O que de tudo isso é importante levar em conta para nosso país?

Juremir Machado- Francamente devemos desconfiar dos EUA. Eu estou entre aqueles que acham que devemos nos preocupar com a Amazônia, senão um dia pode ser que os EUA decidam, em nome da humanidade, que eles devem controlá-la. É claro que devemos repudiar toda forma de violência e terrorismo, e lamentar as vidas perdidas, mas, a exemplo de Baudrillard e tantos outros, eu acho que por mais horrendo que tenha sido o 11 de setembro e por mais hediondos que sejam os que fizeram esse atentado, de alguma maneira, eles responderam ao que os EUA têm feito ao mundo.

O PERÍODO MAIS VERGONHOSO DA IMPRENSA MUNDIAL

Entrevista com Carlos Dorneles

*Carlos Dorneles é o autor do livro **Deus é inocente: a imprensa, não**, no qual analisa as matérias publicadas em alguns dos mais importantes veículos de comunicação do mundo no ano que se seguiu ao 11 de setembro de 2001. Como diz a apresentação do seu livro, publicado pela Editora Globo em 2002, com prefácio de Fábio Konder Comparato, Dorneles acompanha “a cobertura dos desdobramentos dos ataques terroristas como eles são divulgados pela mídia” e, por trás dela, “descobre a guerra de interesses que determina a censura à difusão de informações sobre os ataques ao Afeganistão”, a credibilidade atribuída às versões oficiais, “o fato visto como evento isolado, sem causa ou contexto histórico”. Também revela “a terceirização de massacres e a ocultação de crimes de guerra”, a transformação do islamismo e fundamentalismo em sinônimos, a parcialidade pró-Israel no conflito com o Estado Palestino e mostra como o governo Bush valeu-se dos acontecimentos para sacramentar a sua política belicista, atacar o Iraque e expandir o poderio norte-americano. Desvenda “um mosaico surpreendente que põe em xeque a credibilidade e a ética da imprensa ocidental”. Dorneles, nascido em 1954, gaúcho de Cachoeira do Sul, é repórter da TV Globo desde 1983, após trabalhar nos jornais **Folha da Manhã**, **Zero Hora** e na **RBS TV**. Foi correspondente internacional em Londres (1988-1990) e Nova Iorque (1991-1992)*

IHU On-Line – O 11 de setembro de 2001 representa um marco histórico também para a imprensa?

Carlos Dorneles – Com certeza. Essa data representa o início do período mais vergonhoso da imprensa do Planeta. A imprensa sempre foi cúmplice de omissões, nas guerras. Na Segunda Guerra Mundial, por exemplo, não tivemos a versão do outro lado. Japoneses e alemães foram transformados em monstros, criando-se uma imagem que, depois, foi reforçada pelo cinema. Não tivemos notícias dos massacres produzidos pelos aliados e, até hoje, os historiadores lutam para recuperar algumas dessas informações. Bush não inventou o controle da mídia, a sua manipulação a favor dos governos. Mas nunca alguém havia feito isso com tanta eficiência, em tão curto prazo, com tamanha amplitude de ações e sem enfrentar a menor crítica. A imprensa ignorou os massacres, o desrespeito aos direitos humanos, às liberdades individuais.

IHU On-Line – No seu livro, o Sr. afirma que a imprensa norte-americana “deu vazão ao patriotismo como senha para obediência ao poder”. Jornalismo e patriotismo não estão separados por uma linha muito tênue, às vezes de difícil percepção?

Carlos Dorneles – Na minha opinião, onde começa o patriotismo termina o jornalismo. Se invocarmos o patriotismo, faremos sempre matérias a favor do nosso país. O compromisso do jornalismo é com o ser humano, com os valores da humanidade. Além disso, as manifestações dos jornalistas não podem ficar imunes à crítica, devem ser avaliadas. Eu defendo a punição

rigorosa para os jornalistas que cometem erros. O jornalismo não pode ser um poder impenetrável, tal como a Justiça é, coisa que também deve mudar.

IHU On-Line – O Sr. demonstra, no livro, a total submissão dos veículos de comunicação e de seus jornalistas aos interesses norte-americanos, pela credulidade ou conivência. Como isso pode ocorrer, considerando as responsabilidades que o jornalismo se atribui?

Carlos Dorneles – Acontece devido aos interesses econômicos, ao monopólio e à concentração da mídia, à ingenuidade dos jornalistas e ao comodismo de muitos. Há muitas formas de combater o monopólio, eu não trato disso no livro, mas me parece evidente que essas coisas resultam da concentração de muitos veículos nas mãos de poucos. Quanto aos jornalistas, eles são desmobilizados, é uma categoria fechada, não se critica nem aceita críticas. Assim como a sociedade precisa vigiar a Justiça, deve também vigiar a imprensa.

IHU On-Line – Fábio Konder Comparato, no prefácio que escreveu para o seu livro, afirma que a presença do capital estrangeiro na mídia brasileira, liberada mediante uma emenda à Constituição, significa um atentado “ao direito fundamental do povo brasileiro à informação”. O Sr. considera que a referida liberação prejudica o jornalismo brasileiro?

Carlos Dorneles – Acho que o capital atua de maneira semelhante, não vejo grandes diferenças entre o capital brasileiro e o estrangeiro. Tudo depende da atuação da empresa, do veículo de comunicação, das informações que forem divulgadas.

IHU On-Line – Conforme a sua pesquisa, a imprensa brasileira limitou-se a reproduzir a imprensa norte-americana, praticamente, sem questionar os interesses que a moviam, a credibilidade das fontes, as omissões deliberadas. Esse distanciamento dos veículos brasileiros do cenário do conflito se deve a razões econômicas, exclusivamente?

Carlos Dorneles – Claro que é mais barato publicar as informações que já chegam prontinhas, que não exigem apuração nem gastos, é conveniente publicar análises feitas pelos outros, por fontes que nunca são questionadas. Essa é uma tendência mundial. Mas isso também se deve à idéia de que o jornalismo deve ser um *show* de notícias superficiais, ligeiras. Por outro lado, mandar um jornalista para a frente de batalha não quer dizer que teremos informações confiáveis. Basta ver como se comportaram os jornalistas que acompanharam a invasão do Iraque. Foram escolhidos “a dedo” pelos militares norte-americanos e só publicaram o que eles decidiam que devia ser publicado.

IHU On-Line – O Sr. sofreu algum tipo de pressão profissional, provocada pelo seu livro?

Carlos Dorneles – Nenhuma. À exceção das publicações referidas no livro⁽¹⁾, que não tocaram no assunto, em geral a imprensa deu um bom destaque ao meu trabalho, mais do que eu merecia, acho. Os colegas gostaram, o livro é elogiado, comentado. Também tenho sido convidado para muitas palestras, de Norte a Sul.

IHU On-Line – O Sr. está otimista com relação aos resultados que o livro possa produzir, mudando um pouco a imprensa?

Carlos Dorneles – Eu quero ter essa esperança, a esperança de mudar um pouquinho as coisas. Acho que a gente deve fazer o que pode, agir sobre o que está próximo, e eu resolvi tentar mudar alguma coisa dentro do meu pequeno mundo. Os que comandam, os que têm

¹.- As publicações brasileiras analisadas por Carlos Dorneles foram os jornais *O Estado de São Paulo*, *Folha de São Paulo*, o *Globo*, *Jornal do Brasil* e as revistas *Veja*, *Época* e *IstoÉ*.

poder, procuram fazer com que você se sinta um solitário, diferente, estranho, esse é o tipo mais eficiente de lavagem cerebral. Penso isso há muito tempo e, depois do 11 de setembro, resolvi escrever o livro. Há milhões de pessoas que pensam de maneira parecida. Milhões de pessoas foram às ruas contra a invasão do Iraque, sabemos disso, embora a imprensa nada tenha mostrado. Apesar disso, elas sabem que a causa de tudo é a miséria, a opressão, a desigualdade.

“PAX AMERICANA? O MUNDO É POR DEMAIS COMPLEXO”

*Traduzimos, com o título acima, o artigo de Jürgen Habermas publicado no jornal **Corriere della Sera**, em 6 de setembro de 2003. De Jürgen Habermas, importante filósofo alemão, publicamos um artigo na 57ª edição, de 28 de abril de 2003, uma entrevista na 59ª edição de 12 de maio de 2003, e uma outra entrevista na 68ª edição, de 28 de julho de 2003.*

Para um diagnóstico de longo período, será que é verdadeiramente tão importante aquilo que nós, contemporâneos, experimentamos no momento? Se o ataque terrorista do 11 de setembro, como pensam muitos, devesse se constituir numa cesura na história mundial, ele deveria ser confrontado com outros eventos que marcaram a história do Planeta. Para este confronto, se prestaria, segundo minha opinião, não tanto Pearl Harbor, mas as consequências do agosto de 1914. Com o estouro da Primeira Guerra Mundial, conclui-se, de fato, uma época pacífica e, em certo sentido, se poderia dizer, *a posteriori*, inocente. Foi o início de uma era da guerra total, da opressão totalitária, da barbárie mecanizada e do homicídio burocrático de massa. Na época, muitos compartilharam algo similar a um presságio; mas, na realidade, somente retrospectivamente seremos capazes de compreender se a queda das torres capitalistas de Manhattan, tão simbólica, representa uma cesura profunda ou se esta catástrofe não confirmou, de forma dramática e desumana, a vulnerabilidade, já conhecida há muito tempo, da nossa civilização complexa. É possível que, num amanhã, se poderão perceber importantes acontecimentos a partir do 11 de setembro. Mas hoje não sabemos qual, entre os muitos cenários em discussão, será a estrada para o futuro. Por mais que seja frágil, a coalizão contra o terrorismo que o governo dos EUA conseguiu, com habilidade, erigir, poderia, na hipótese mais favorável, promover uma transição do direito internacional clássico para um ordenamento jurídico cosmopolítico. A conferência sobre o Afeganistão, realizada em Bonn, que, sob o patrocínio das Nações Unidas, abriu a estrada na direção correta, foi, pelo menos, um sinal promissor. Mas os governos europeus falharam completamente. São, evidentemente, incapazes de abandonar uma estreita perspectiva nacional para dar, como europeus, sustentação ao secretário de Estado americano Colin Powell contra os ‘falcões’. O governo Bush parece decidido a perseverar, mais ou menos impassível, na sua política autocentrada de superpotência impenitente. O mundo se tornou demasiadamente complexo para este malfadado unilateralismo. Mesmo que a Europa não assuma a função civilizadora que dela, hoje, se espera, uma potência mundial em ascensão como a China, ou em declínio como a Rússia, não se inserirá, sem mais nem menos, num projeto de uma ‘pax americana’. Ao contrário das ações de polícia internacional, como se poderia esperar depois da intervenção no Kosovo, há novas guerras – guerras conduzidas, sim, com as tecnologias mais avançadas, mas, substancialmente, são guerras de tipo velho. A miséria no Afeganistão destruído evoca imagens dignas da guerra dos Trinta Anos. Naturalmente, havia boas razões, também de ordem normativa, para abater com a força o regime dos talebãs que oprimia brutalmente, não somente as mulheres, mas toda a população, e respondeu à negativa de extraditar Bin Laden.

Mas a assimetria entre a força destrutiva concentrada nos enxames teleguiados de mísseis no ar, elegantes e funcionais, e o selvagem arcaísmo das hordas de guerreiros barbudos e armados de 'kalashnikov' caminhando sobre a terra, é um espetáculo moralmente obscuro. De outra parte, esta impressão do Afeganistão nos é amplamente confirmada pela recordação da sua sanguinosa história ocidental, pela delimitação geográfica arbitrária e da contínua instrumentalização deste país no jogo das grandes potências. Os talebãs, contudo, já pertencem à história.

“A TECNOLOGIA FARÁ EMPALIDECER MANHATTAN”

*Traduzimos, com o título acima, o artigo de Jacques Derrida, publicado no **Corriere della Sera**, em 6 de setembro de 2003. Jacques Derrida, filósofo francês, é autor de inúmeros livros, entre os quais o mais recente é: **Voyous. Deux essais sur la raison**, Paris: Galilée, 2003. Em português acabam de sair dois livros seus: Jacques DERRIDA, **A universidade sem condição**, São Paulo: Estação Liberdade, 2003 e Anne DUFOUMANTELLÉ convida JACQUES DERRIDA a falar da **Hospitalidade**, São Paulo: Escuta, 2003.*

Bush fala de 'guerra', mas é totalmente incapaz de identificar o inimigo ao qual ter havido declarado guerra. O Afeganistão, a sua população civil, os seus exércitos não são inimigos dos americanos e não se deixou nunca de 'repeti-lo'. Imaginemos que 'Bin Laden' seja o que decide soberanamente. Todos sabem que este homem não é afegão, que foi expulso do seu país (de todos os 'países' e praticamente, sem exceção, de todos os Estados), que a sua formação deve muito aos EUA e sobretudo que ele não está sozinho. Os Estados que o ajudam indiretamente não o fazem como Estados. Nenhum Estado como tal o sustenta publicamente. Quanto aos EUA que 'hospedam' as redes terroristas, é difícil identificá-las como tais. Os EUA e a Europa, Londres e Berlim, são santuários, lugares de formação e de informação para todos os 'terroristas' do mundo. Nenhuma geografia, nenhuma determinação 'territorial' são necessárias, já há muito tempo, para localizar a base destas novas tecnologias de transmissão e de agressão. Digo muito rapidamente, e *en passant*, para prolongar e para precisar aquilo que dizia acima com respeito à ameaça absoluta e de origem anônima e não-estatal: as agressões de tipo 'terrorista' não terão mais necessidade de aviões e de kamikazes. Basta introduzir-se num sistema informático de valor estratégico, instalar um vírus ou qualquer outro elemento destruidor, para paralisar os recursos econômicos, militares e políticos de um país inteiro ou de um continente. E isso se pode fazer de qualquer lugar da terra, com um custo muito exíguo e com meios modestos. A relação entre a terra, o território e o terror mudou e é necessário saber que isso depende do conhecimento, isto é, da tecnociência.

É a tecnociência que anula a distinção entre guerra e terrorismo. Deste ponto de vista, comparado às possibilidades de destruição e de desordem caótica que estão presentes, para o futuro, nas redes informáticas do mundo, o 11 de setembro fará parte do teatro arcaico da violência destinada a golpear a imaginação.

Poder-se-á fazer bem pior amanhã, de maneira não sanguinosa, atacando as redes informáticas das quais depende toda a vida (social, econômica, militar) de um 'grande país', da maior potência do mundo. Um dia se dirá: o 11 de setembro acontece ainda nos ('caros') velhos tempos da última guerra, quando as coisas eram ainda da ordem do gigantesco: visível e enorme! Que altura, que rombo! Então será o pior, as nanotecnologias de todos os tipos são de tal maneira mais poderosas e insisíveis, que elas se infiltram por tudo. Atacam no microbiológico com os micróbios e as bactérias. Mas o nosso inconsciente aqui é já sensível, ele já o sabe e isso dá medo.

Se esta violência não é uma 'guerra' interestatal, não pode certamente ser entendida como 'guerra civil', no sentido definido por Schmitt, porque não consiste numa insurreição nacional, ou seja, num movimento de libertação destinado a tomar o poder sobre o território de um Estado-nação (ainda que um dos objetivos, marginal ou central, das redes 'Bin Laden' é de desestabilizar a Arábia Saudita, ambígua aliada dos EUA, e de instalar um novo poder estatal). Em todo o caso, mesmo que se continue falando de terrorismo, este apelativo se refere a um novo conceito e a novas distinções.

DESTAQUES DA SEMANA

Análise de Conjuntura Internacional

OS MANDANTES DOS MASSACRES

*Traduzimos e publicamos o artigo de Gilles Kepel, refletindo o significado dos atentados ocorridos no Iraque e como tudo está relacionado com o 11 de setembro. O artigo foi publicado pelo jornal italiano **La Repubblica**, em 3 de setembro de 2002. Este mesmo artigo é publicado, hoje, dia 8 de setembro, pelo jornal espanhol **El País**. Gilles Kepel, francês, é considerado um dos maiores conhecedores, no Ocidente, do mundo islâmico. É autor de muitos livros, entre os quais destacamos **La Revanche de Dieu. Chrétiens, juifs et musulmans à la reconquête du monde**, cuja nova edição foi lançada no dia 5 de setembro, pela Editora Seuil de Paris. De Kepel, **IHU On-Line** publicou uma entrevista na 52ª edição de 24 de março de 2003.*

O assassino do aiatolá al-Hakim, sepultado ontem em Najaf, está ligado ao ataque ao quartel geral da ONU em Bagdá onde foi assassinado o enviado de Kofi Annan, Vieira de Mello: os terroristas quiseram mostrar que os EUA são incapazes de garantir a segurança no Iraque e que Washington não conseguirá fazer do país um exemplo de democratização no Oriente Médio. Portanto, é o fracasso do objetivo americano de criar uma espiral virtuosa depois do fim das operações militares.

O ataque à ONU aconteceu no momento em que as Nações Unidas tinham saudado a criação do Conselho provisório de governo e enquanto os EUA tinham reaproximado as suas posições com diversos países, entre os quais a França e a Alemanha, para a gestão do pós-guerra. Nos mesmos dias, nos EUA, levantaram-se críticas sobre os custos, materiais e humanos, sempre mais altos de uma operação cujos objetivos são cada vez menos claros. A intervenção no Iraque fora 'vendida' pela Casa Branca como a etapa fundamental na guerra contra o terror; a justificativa principal da intervenção foram as 'armas de destruição de massa' nas mãos de Saddam. Mas agora Washington deve fazer as contas com a polêmica sobre as armas de destruição que não se encontram, as mentiras de Bush – e de Blair – atentados espetaculares que se multiplicam; a guerra contra o terror não alcançou, certamente, os seus objetivos. Tudo isso se liga com a política eleitoral do presidente americano a tal ponto que o calendário dos terroristas parece recalcar o das eleições americanas, e Bush não tem, agora, tempo para mudar de estratégia.

Quem realizou o atentado que golpeou o líder da comunidade xiita de Najaf mirava neste objetivo: impedir qualquer possibilidade de solução política para as tensões desencadeadas pela presença dos americanos. Al-Hakim, mesmo tendo sido considerado como um agente

iraniano, apenas retornado do exílio de Teerã, logo se tornou um interlocutor da administração americana. Há muitos anos existe, nos círculos dirigentes dos EUA, uma opção pró-xiita para reequilibrar o peso desta minoria no Oriente Médio e, a partir daí, modificar os equilíbrios estratégicos das alianças na área do Golfo.

Desde o dia de São Valentino de 58 anos atrás, 14 de fevereiro de 1945, quando Roosevelt e o rei Saoud firmaram o matrimônio de interesse entre a superpotência americana e a monarquia petrolífera saudita, a ligação sempre permaneceu sólida, reforçando-se ainda mais depois da revolução xiita iraniana e o conseqüente aumento da hostilidade antiamericana na área. O pacto entre os EUA e a dinastia wahabita rompeu-se depois do 11 de setembro de 2001: 15 dos 19 kamikazes eram provenientes da Arábia Saudita. Naquele dia, entre os neoconservadores americanos se abriu a estrada para as idéias de apontar sobre as comunidades xiitas, tradicionalmente melhor educadas. A necessidade de encontrar novos aliados confiáveis no lugar dos sunitas, agora reféns dos extremistas, não oferece muita margem de manobra: os xiitas são historicamente mantidos à margem das sociedades do Golfo; o projeto é o de conseguir fazer crescer a influência destas comunidades – começando pela comunidade xiita do Iraque, para depois passar para o Irã – tudo com o objetivo de criar regimes que contrabalancem os sunitas no controle dos poços petrolíferos.

A favor deste projeto está o comportamento das comunidades xiitas do Iraque: as imagens das reuniões oceânicas que comemoraram, em Kerbala, o imã Hussein, o mártir primordial do xiismo, assassinado pelo califa sunita em 680 d. C. (1,5 milhões de pessoas) fazem o contraponto às imagens da peregrinação à Meca (que reúne até 2 milhões de fiéis) sob o controle saudita. Além disso, os neoconservadores americanos, acentuam as semelhanças entre a tradição hebraica e a xiita: nos dois casos se trata de populações perseguidas que conservaram a própria dignidade e coesão graças aos seus expoentes religiosos: os aiatolás e rabinos, custódios e intérpretes dos textos sagrados. Observando as manifestações dos xiitas que enalteciam a imagem dos seus aiatolás, é fácil perceber as semelhanças com as manifestações dos hebreus ultraortodoxos que levantaram ao céus outras figuras vestidas de preto: os rabinos mais carismáticos.

Estes paralelos percebidos pelos neoconservadores americanos inquietam os regimes e os militantes do sunismo religioso; golpeando al-Hakim foi mandada uma mensagem também às comunidades religiosas: se vocês não aceitarem a Jihad contra os americanos vocês pagarão um preço de sangue. Além disso, os atentados estão acirrando também o ódio entre a população xiita e a sunita. As primeiras pesquisas sobre o ataque a Najaf mostram que há traços dos seguidores de Saddam e dos radicais islâmicos vindos dos países vizinhos para combater o ocupante e as suas tentações pró-xiitas. Basta pensar no fato de que originariamente as áreas petrolíferas sauditas eram, na sua maioria, xiitas, e a sua influência foi reduzida pela monarquia wahabita de Riad por meio de uma política de migrações forçadas de sunitas nas áreas xiitas. No emirado de Bahrein, 70% da população é xiita e, apesar disso, a minoria sunita a expeliu do poder, negando-lhe qualquer possibilidade de aceder à riqueza do petróleo.

O atentado quer, enfim, demonstrar que os americanos, que buscam jogar a carta xiita, não são, no entanto, capazes de proteger os seus aliados.

Essas ferozes provocações podem, no entanto, dar frutos contrários, levando os xiitas a se unirem, apesar da posição de Al-Hakim ter sido muito diferente daquela de Muktda el-Sadr, líder bem mais integralista e cuja influência se localiza no bairro xiita de Bagdá, a ex- “Saddam City” e agora denominada de “Sadr City”.

No Iraque, portanto, se coagulam e agem forças que estão demonstrando que o preço da paz americana é muito mais elevado e que estão prontas a contrastar o reconhecimento da influência xiita por parte de Washington e da comunidade internacional.

Análise de conjuntura nacional

"ESTA REFORMA É UM ORNITORRINCO"

Por Francisco de Oliveira

*Reproduzimos a entrevista de Francisco de Oliveira⁽²⁾, sociólogo, concedida ao **Jornal da Unicamp**, julho/agosto 2003. Francisco de Oliveira estará na Unisinos, no dia 16 de outubro, das 20h às 22h, no Auditório Central, dentro da programação do Ciclo de Estudos sobre o Brasil, promovido pelo IHU. O tema que será abordado pelo professor será **Perspectivas do Brasil com o novo governo***

Quando o PT foi constituído, em 1979, o sociólogo brasileiro Francisco de Oliveira estava entre os seus fundadores. Hoje, passados 21 anos, acusa o governo do PT de ter promovido uma negociata ao fazer aprovar a Reforma da Previdência que propôs. Trata-se, afirma, de "uma mistura esdrúxula da coisa mais avançada do capitalismo financeiro com a coisa mais atrasada do subdesenvolvimento. O país será como um mamífero que bota ovo", afirmou numa sessão pública na Universidade de Campinas (Unicamp) dedicada à Reforma da Previdência. Segundo Francisco de Oliveira, em sete anos a reforma irá concentrar no sistema financeiro uma quantia equivalente a pouco mais de 40% do PIB brasileiro. E acrescenta que até 2010 o dinheiro a ser captado pelos fundos privados chegará a 670 mil milhões de reais (223 mil milhões de euros). "Nem mesmo todas as privatizações realizados ao longo dos últimos dez anos alcançam esse valor", verifica Oliveira. E conclui tratar-se de uma reforma privatista, ao serviço do capital financeiro, considerando ser "trágico que um partido de trabalhadores tenha uma visão de Estado que é mercadológica".

Jornal da Unicamp — Porque o Sr. afirma que a reforma da Previdência é uma grande negociata?

Francisco de Oliveira – O objetivo primordial da reforma da Previdência é de caráter fiscalista. Ela não está preocupada em ampliar os marcos da segurança social, mas em restringi-la com o objetivo de fazer caixa. Em segundo lugar, há um objetivo mais sombrio, que é o de inventar os fundos de previdência complementar para atender àqueles que têm salários mais altos que os limites estabelecidos pela emenda constitucional. Isso significa um mercado riquíssimo de seguros privados. Algumas simulações mostram que até 2010 esses fundos de Previdência, a partir da reforma, podem chegar a R\$ 670 mil milhões (223 mil milhões de euros). Aos preços de hoje, esse valor corresponderia a quase 50% do PIB brasileiro. Se somarmos todas as privatizações de empresas estatais que foram feitas ao longo dos últimos dez anos, não dá nem um terço desses R\$ 670 mil milhões. Portanto, o que se esconde por trás da reforma da

² De Francisco de Oliveira *IHU On-Line* publicou um artigo na 61ª edição, de 26 de maio de 2003, uma entrevista na 46ª edição, de 9 de dezembro de 2002, a resenha do livro de Celso Furtado, *Em busca de um novo modelo*, na 39ª edição, de 21 de outubro de 2002, um artigo na 49ª edição, de 24 de fevereiro de 2003, outro artigo na 55ª edição, de 14 de abril de 2003, e um comentário sobre o livro *Tensões contemporâneas entre o público e o privado*, de Gilberto Dupas, na 66ª edição, de 30 de junho de 2003.

Previdência são altos negócios. E altos negócios, no sistema capitalista, não se fazem sem negociata.

JU — Mas isso não contradiz a postura histórica das pessoas que estão no governo, que sempre usaram um discurso de esquerda contra os interesses do mercado?

Oliveira – É uma grave contradição. Um partido de trabalhadores que é a coluna vertebral deste governo, o que deveria estar fazendo é ampliar a segurança social. Em primeiro lugar, por razões de justiça social, razões de cidadania e até razões econômicas, porque a segurança social constitui um poderoso regulador dos movimentos erráticos da economia. Mas infelizmente o Partido dos Trabalhadores, por meio de sua liderança, escolheu outro caminho. É uma grave contradição.

JU – Do ponto de vista econômico, quais seriam as conseqüências negativas da reforma?

Oliveira – Afetará a renda [rendimento, na terminologia portuguesa - NE] das pessoas. Trata-se de um arrocho [contenção extrema - NE] salarial disfarçado. Ninguém está falando desse aspecto. A imprensa não dá nenhuma atenção, mas isso é um formidável arrocho salarial.

A reforma é uma grande negociata

JU – Então, a quem interessa essa reforma?

Oliveira – De uma ótica fiscalista, interessa àqueles preocupados com o equilíbrio fiscal do Estado. Mas interessa sobretudo ao capital financeiro, porque se criará um enorme mercado de seguros privados, que é uma espécie de maná do deserto. Deve ter sido esse o alimento de Moisés ao atravessar o deserto.

JU – O Sr. acha que ainda há margem de manobra para alterar alguma coisa significativa na reforma da Previdência?

Oliveira – Sou pessimista. Os deputados estão falando em nome de quem? Deveriam estar falando pela força eleitoral que a institucionalidade do sistema partidário lhes confere. Nesse ponto há um corte. E nesse corte a instituição política do partido ganha uma autonomia em relação à chamada base social e não tem quem refaça essa ligação porque a institucionalidade dá direito ao partido de ser autônomo em relação à sua base. Ele perde o compromisso e você não tem como cobrar. O mandato representativo é ao mesmo tempo delegativo. Uma vez com o mandato, ele age de maneira autônoma. Isso é fatal para a relação com a base. Exemplo disso é que os destaques propostos para alterar o texto da reforma foram retirados. Isso demonstra que não há muita diferença hoje, no Brasil, entre situação e oposição. Há uma mistura de interesses.

JU – O Sr. compara a atual política econômica do governo a um ornitorrinco. Por quê?

Oliveira – A economia periférica capitalista brasileira é um ornitorrinco. É uma combinação esdrúxula de setores altamente desenvolvidos, um setor financeiro macrocefálico, mas com os pés de barro. O ornitorrinco brasileiro não é bem como o ornitorrinco da Oceania. Ele é uma figura magra, esquelética, sustentando uma cabeça enorme, que é esse sistema financeiro, mas com pernas esqueléticas e anêmicas, que são a desigualdade social e a pobreza extrema. Esse ornitorrinco não é como o subdesenvolvimento, que surgiu de uma singularidade histórica, quando o capitalismo mercantil alcançou a América, destruindo as civilizações pré-colombianas, e criando outras sociedades, chamadas subdesenvolvidas porque não eram um elo na cadeia

do desenvolvimento, mas uma coisa criada pelo encontro do capitalismo com outras sociedades. O ornitorrinco não é mais isso, porque os traços originários da sociedade brasileira já desapareceram ao longo de 500 anos e, portanto, são outros.

O Patrimonialismo

JU – O Sr. também diz que a opinião pública está sendo manipulada para reforçar a imagem negativa do funcionário público. De que maneira isso está ocorrendo?

Oliveira – As classes dominantes da sociedade brasileira são patrimonialistas. É uma sociedade que não distingue o público do privado, o mercado do Estado. Quem se aproveita disso são as elites e as classes dominantes. Isso gerou um Estado mal conformado, cujos serviços são precários de fato, uma macrocefalia, ao mesmo tempo gigante e inoperante. É esta imagem que chega ao povão. O povão enfrenta filas. A cara negativa do Estado brasileiro é esta cara medonha que o povo vê. Mas quem o povo vê? Ele não vê o Estado porque o Estado é uma abstração teórica. A materialidade do Estado que o povo vê é o funcionário público que o atende, e às vezes o atende mal. Então há uma relação de amor e ódio entre o povão e o funcionário público. A imagem negativa que se faz do funcionário público é, ao mesmo tempo, verdadeira e falsa. Verdadeira porque de fato os serviços do Estado são ruins, os profissionais são estressados e as instalações são ruins. Mas também é uma imagem falsa porque estas condições não foram criadas pelo funcionário público e sim pela forma em que o Estado brasileiro foi montado e pela predação que as classes dominantes fazem sobre o Estado brasileiro, como por exemplo destinar 30% do orçamento público para pagar juros da dívida interna e externa.

JU – Em sua opinião, quais seriam as conseqüências da reforma para a universidade pública caso o texto do governo seja aprovado sem grandes modificações?

Oliveira – No médio e longo prazo a primeira conseqüência é tornar a universidade menos atraente para futuros professores. Isso pode desfalcar a universidade de quadros importantes. Essa conseqüência não vai demorar para aparecer. Outra conseqüência, mais importante, de longo prazo, é a incapacidade de dotar a universidade pública dos recursos à altura dos desafios do presente, desafios de um sistema que é cada vez mais movido pela ciência e tecnologia. Se nós descuidarmos da universidade, estaremos indo irremediavelmente para um lugar eternamente subordinado na divisão internacional do trabalho capitalista. Pode haver uma regressão. Só quem faz pesquisa científica no Brasil é a universidade pública. Se tirar isso desaba tudo, porque a contribuição do setor privado para ciência e tecnologia no Brasil é ridícula.

O papel da Universidade

JU – Qual seria, em sua opinião, o papel da universidade pública nesse momento de mudanças turbulentas?

Oliveira – Nesse momento de transição, a universidade deveria ajudar a iluminar as possibilidades reais que o povo brasileiro tem para retomar o crescimento e diminuir as desigualdades sociais, com suas pesquisas e seus acervos sobre a história brasileira. Isso ajuda muito. Na questão da energia nuclear, por exemplo, físicos importantes que atuavam em universidades públicas fizeram a crítica das opções da energia nuclear durante a ditadura, apontando os riscos. Angra dos Reis [central nuclear brasileira - NE] está aí confirmando toda a crítica que se fez naquela época. A universidade ajuda nesse sentido. A universidade não

substitui a ação cidadã, mas ilumina o campo de estudo e leva à reflexão porque é o lugar onde se desenvolve o conhecimento. É a única instituição que tem capacidade de autocrítica. Sua matéria de trabalho é a dúvida, é a crítica.

JU – O que o Sr. quis dizer exatamente ao afirmar que estaria havendo uma crise de representatividade nos partidos políticos, em especial no PT, partido do qual o Sr. é um dos fundadores históricos?

Oliveira – Está havendo essa crise no PT, especificamente. O partido diz que está representando os trabalhadores. Mas quais trabalhadores, de quais setores? O PT foi fundado por um movimento sindical que hoje está muito danificado pela globalização, pela reestruturação produtiva. Não foi à toa que o setor sindical que mais cresceu na CUT, por exemplo, foi o dos funcionários públicos, porque até então eles não tinham sido muito afetados. A partir de agora, as instituições formadas para representar esse setor de trabalho serão danificadas. E isso leva a perder capacidade de representação.

JU – Segundo o Sr., essa crise de representatividade estaria gerando descontentamentos internos no PT, o que daria margem para a articulação de uma dissidência. Está em gestação algum novo movimento dentro do PT?

Oliveira – Não existe movimento em gestação. Inclusive, se dissesse isso estaria alvoroçando os caçadores de bruxas. O que existe é uma crescente insatisfação que passa por vários setores, incluindo parlamentares, militantes, gente que não se sente bem, que tem vergonha do que está acontecendo. Exemplo disso é que na primeira votação da reforma da Previdência, a Câmara saiu triste. Os deputados estão com a consciência perturbada, sobretudo aqueles de esquerda e do PT, porque estão conscientes de que deram uma mancada. Ninguém comemorou a vitória do governo. Quando os parlamentares aprovaram o impeachment de Collor (Fernando Collor de Mello), houve uma explosão de alegria na Câmara. Dessa vez, não tem alegria nenhuma relacionada a essa vitória do governo.

JU – No que o senhor acha que pode resultar esse descontentamento interno no PT?

Oliveira – Não sei. Seria apostar. Por enquanto não haverá uma recomposição porque a direção do partido está tratorando os dissidentes. A curto prazo não vejo nada. O que vejo é uma coisa subterrânea, uma crescente insatisfação, uma amargura.

O predomínio de uma nova classe no PT

JU – Em sua visão, o que teria levado um governo petista a adotar uma postura que contraria o seu discurso histórico?

Oliveira – É uma boa questão e também a coisa mais difícil a ser elucidada. A gente pode tentar uma solução fácil, dizer que eles traíram, que foram cooptados pelo grande capital, e tudo isso também é verdade. Mas a elucidação completa é muito difícil. Eu desconfio que há o predomínio de uma nova classe dentro do PT e que isso influenciou poderosamente no partido.

JU – E quais seriam as raízes dessa nova classe?

Oliveira – As raízes estão na posição a que certos trabalhadores foram levados, por exemplo, na administração de fundos de previdência, nas estatais, na administração do Fundo de Amparo ao Trabalhador, na convivência com organizações do tipo do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social). Isso vai criando uma ideologia comum. Isso consegue criar um descolamento, porque o trabalhador que exerce a administração de um

fundo fica dividido. E nessa divisão, quem ganha é o lado administrador de fundos. Isso deveu-se a poderosas modificações na sociedade brasileira pelo processo de globalização e sobretudo pelo processo de financeirização da economia. Isso atingiu camadas de trabalhadores e os transformou em gestores de fundos capitalistas.

JU – Por que essa suposta nova classe interna do PT teria emergido justamente no momento em que o partido alcança o ponto máximo do poder?

Oliveira – O poder é o momento propício, além do fato de que você se vê obrigado a administrar uma economia capitalista. O PT é muito mal preparado teoricamente para administrar uma economia capitalista. O PT tem especialistas em fundo de previdência e gente que sabe como administrar isso. Mas quem faz o papel teórico de pensar o Estado no PT?

JU – Isso tem a ver com a sua crítica à ausência de intelectuais no núcleo duro do governo?

Oliveira – Isso poderia parecer um ressentimento por não ter sido convidado a compor o governo. Devo dizer, de saída, que abomino o poder e não estou fazendo nenhuma bravata. Quando Luíza Erundina se elegeu prefeita de São Paulo, uma das primeiras pessoas para quem ela ligou foi para mim, convidando-me para o cargo de secretário de Planejamento. Minha resposta imediata foi negativa. Não quero nada com o poder, não me seduz e estou vacinado contra ele. Mas é sintomática a falta de intelectuais no grupo do governo. Isso mostra a oligarquização do partido e uma disputa ferrenha pelo monopólio da interpretação do governo. Porque intelectual sempre perturba, sobretudo com os intelectuais que o PT tem.

PT: o destino do ‘partidão’?

JU – No momento em que um partido de esquerda assume um alinhamento com a direita, sem oposição, qual seria o futuro da esquerda no Brasil?

Oliveira – Diria que é nebuloso. Não tem futuro previsível porque houve um embaralhamento grande. O PT foi a formação mais consistente de esquerda que o Brasil conheceu porque conseguiu fazer confluir vários movimentos que se amalgamaram no partido. No passado, houve o Partido Comunista que quase chegou a isso porque tinha massa popular. O partidão chegou a ter 10% dos votos para presidente em 1945, tinha uma reconhecida influência sobre os sindicatos e tinha a nata da intelectualidade brasileira. Depois o partidão entrou num processo de clandestinidade que o levou ao fisiologismo descarado e às alianças com a direita. O PT repete essa história triste do partidão. O PT é depositário de uma longa trajetória da esquerda brasileira. Se ele malbaratar essa herança, o destino da esquerda estará gravemente comprometido.

JU – Ao mesmo tempo em que o Sr. diz que o PT estaria malbaratando sua herança ideológica, todos sabem que vários grupos dentro do partido estão criticando essa postura. Em sua opinião, o que pode sobrar do PT?

Oliveira – Sobra como máquina partidária. O PT já é a máquina partidária mais importante do país e continuará a ser. Isso tem enorme importância porque essas são as instituições credenciadas para operar na política. Além disso, o partido tem ramificações em vários setores da sociedade, ligados a diversos interesses e, portanto, vai sobrar como partido. Mas como partido transformador duvido que sobre alguma coisa.

JU – Nesse caso, qual o futuro daqueles que pretendem preservar as raízes históricas do PT?

Oliveira – O futuro mais imediato que os aguarda é uma expulsão. A direção do partido forçará as pessoas a tomarem outro caminho. A longo prazo, é imprevisível. Não se cria um partido novo da noite para o dia nem sem bases sociais. Além disso, nessa sociedade, é cada vez mais difícil criar um partido político no estilo clássico. Não adianta ficar como o PSTU [pequeno partido trotsquista - NE] bradando em nome de um proletariado que não adere a ele. Os partidos políticos que se criam são como máquinas.

Deu nos Jornais

Planejar a moratória

A proposta de Celso Furtado

O economista Celso Furtado defendeu que o Brasil terá que declarar a moratória da sua dívida mais cedo ou mais tarde, para renegociar prazos e juros com credores, se quiser crescer. Sem isso, disse ele, o País só terá fôlego financeiro pelos próximos um ou dois anos. “Hoje o governo tem uma política clara que é consolidar sua situação internacional de cooperação plena com o FMI [Fundo Monetário Internacional] e com credores. Isso está permitindo que o Brasil sobreviva, mas o país está parado. Em um ou dois anos, teremos que encontrar uma saída.” A notícia está nos jornais **Folha de S. Paulo** e **O Globo** do dia 2 de setembro de 2003. Furtado afirmou que, segundo a **Folha de S. Paulo**, antes de promover a moratória, o país terá que adotar o controle do fluxo de capitais de curto prazo e reforçar suas reservas. Segundo ele, o país tem mais condições de renegociar sua dívida do que há 40 anos. “Para negociar, é preciso estar preparado para enfrentar uma baixa enorme de capitais. Na minha época, quando eu participei do governo, tínhamos um temor grande, porque, se o Brasil ficasse privado de petróleo, parava tudo. Naquela época, importava-se 100% do petróleo. Hoje em dia, o Brasil tem margem muito maior.”

Com a moratória, o Brasil não vai parar

Uma moratória para negociar

Embora considere a possibilidade do fechamento do mercado para o Brasil - no caso de moratória -, o economista acha que essa situação seria temporária. “O mercado financeiro se fecha até certo ponto. O Brasil é um bom cliente e um bom negócio. Portanto ninguém quer uma briga muito séria com Brasil”, afirmou. “Sei que a economia não vai parar, que o Brasil vai poder importar matérias-primas e o essencial para continuar funcionando.” Mas Furtado vislumbra um período de até quatro anos de ‘penúria’ depois da moratória. Segundo ele, a moratória não se traduziria em um calote da dívida: “Seria uma moratória para negociar, não seria para roubar”. O economista disse ainda que o país está em recessão grave, mas não aguda. “O que é grave é que você tem 20% da população economicamente ativa de São Paulo parada”, disse. “Isso cria uma necessidade social muito grande.”

Reforma tributária é fiscalista

A crítica de Celso Furtado

Celso Furtado afirmou no Instituto de Economia da UFRJ, segundo o jornal **Folha de S. Paulo**, 2-9-03, que o foco do debate sobre a reforma tributária está errado. Segundo ele, a discussão ignora a incidência de impostos sobre a população de baixa renda, concentrando-se na

'redução' das taxas. "O Brasil tem a carga tributária mais mal distribuída do mundo. O imposto pago pelo povo é muitas vezes maior que o pago pelo rico". O economista lembrou que, no Brasil, os impostos incidem sobre o consumo e que esse sistema prejudica principalmente a camada da população de renda mais baixa, cujos ganhos são integralmente voltados para a compra de produtos de primeira necessidade, como alimentação. "Você teria de mudar o perfil da carga tributária, de tal forma que os que ganham muito e que têm altos gastos de consumo pagassem muito mais impostos, como ocorre na Europa." Segundo Furtado, a carga tributária no Brasil, em torno de 36% do PIB, é inferior à francesa (em torno de 40% do PIB) e à sueca (50% do PIB). O economista, que fez um discurso em defesa da desconcentração de renda e de políticas sociais, elogiou o MST.

Celso Furtado é autor do clássico *Formação Econômica do Brasil*, que será debatido na próxima etapa do *Ciclo de Estudos sobre o Brasil*, no dia 11 de setembro, das 14 às 17h, na sala 1G119. O Ciclo é uma promoção do Instituto Humanitas Unisinos.

Os intelectuais e o governo Lula

Uma descrição da análise de conjuntura da CNBB

Na análise de conjuntura, elaborada por Pedro A. Ribeiro de Oliveira, assessor da CNBB para a Comissão do Laicato e professor na Universidade Católica de Brasília e apresentada numa reunião da CNBB, no dia 27-8-03, é feita uma análise da posição dos intelectuais em relação ao governo Lula. O texto inicia afirmando: "Muitos estudiosos ou intelectuais, no Brasil, têm forte tradição do tipo "mandarim", isto é, identificam-se mais com as elites incrustadas no Estado do que com as bases da sociedade e desenvolvem a síndrome das "idéias fora do lugar". Exemplo clássico são os liberais do período imperial, que sempre defenderam leis abstratamente as mais perfeitas (o Estado tem que modernizar a sociedade), mas não se incomodavam tanto assim com o cativo. Ou, no período republicano, colaboraram com as duas ditaduras, até que elas os dispensassem. Os atuais representantes dessa corrente mostram-se assustados com a organização autônoma dos setores populares. O que mais os aterra, parece nem ser efetivamente a irrupção da violência e da indisciplina (historicamente inevitável, mesmo se lamentável), mas a autonomia e o pluralismo dos movimentos e organizações. Vêm a situação de crescente conflito social como resultante da leniência do governo em tolerar esta diversidade".

Os intelectuais 'realistas'

Segundo tipo de intelectuais

A análise de conjuntura, acima referida, descreve um segundo tipo de intelectuais: "Outro tipo de intelectuais são os que fazem a leitura da realidade para ajudar a transformá-la, mas de forma 'realista', ou seja, incluindo internamente o cálculo político a ser feito pelos aliados no poder. Não tocam em certos assuntos, nem fazem afirmações que possam dificultar o governo em sua tarefa. Para eles, 'faz o jogo dos conservadores' quem, falando da função social da propriedade e do destino universal dos bens, propõe projeto de lei limitando o tamanho da propriedade fundiária. Quando contrariam afirmações de governantes, as criticam por não terem o rigor, a precisão e a racionalidade a que estão acostumados."

Intelectual distante do Governo

Terceiro tipo

A análise de conjuntura, apresentada à CNBB, descreve um terceiro tipo de intelectual. Afirma o texto: “Terceiro tipo de estudiosos e intelectuais são os que vêm como boa e positiva a distância entre eles e o Governo, dentro da construção plural duma sociedade melhor. Exatamente porque os dirigentes guardam o direito e o dever de definirem o viável, esses pensadores crêem que sua parte consiste em analisar com liberdade e ajudar a criar opinião pública em favor de mudanças, resultando naturalmente em pressão sobre o governo para fazer o que talvez seja sua vontade oculta. Encontram-se entre esses estudiosos as mesmas atitudes que se vê noutros setores comprometidos com maior justiça e participação: a desesperança, a perplexidade e a aposta no conjunto plural, dinâmico e imprevisível, das forças sociais em jogo. Quanto mais alguém afirma a distinção sem separação entre os papéis do intelectual e do governante, mais provável e coerentemente se insere nesta linha de mudança. Quanto mais alguém se centra no poder modernizador do Estado (no fundo, herdeiro contemporâneo da postura mais tradicional), mais tende a se encontrar num beco sem saída”.

Governo Lula está numa encruzilhada histórica É a conclusão da análise de conjuntura da CNBB

A análise da conjuntura, apresentada à CNBB, no dia 27-8-03, conclui assim: “O Governo Lula está hoje numa encruzilhada histórica. Forças sociais poderosas o pressionam no sentido de que seja seguida a linha neoliberal, cujas reformas visam à “modernização conservadora”, isto é, confirmar a integração da economia brasileira no mundo globalizado sem provocar rupturas estruturais. Outras forças, atuantes nos movimentos sociais, partidos de esquerda e intelectuais, pressionam o Governo para assumir uma ruptura estrutural com o passado e produzir uma alternativa viável ao modelo neoliberal, alternativa centrada numa concepção de desenvolvimento que vá além do crescimento econômico, em busca de novas formas de trabalho na cidade e no campo. No meio dessas pressões, o Governo deveria sinalizar com mais clareza para onde caminha”.

Milho Transgênico Seu impacto na Espanha

Um estudo publicado pelo Greenpeace e a ONG Amis de la Terre, intitulado “os impactos do milho transgênico da Espanha” conclui mostrando o fiasco das culturas geneticamente modificadas na Espanha (25 mil hectares por ano). Segundo o relatório, elas implicaram a contaminação de culturas biológicas, um rendimento menor do que as plantas tradicionais e uma proteção contestável face aos insetos. Este estudo sai no momento em que a União Europeia se apressa a levantar a moratória das importações de OGM. Para Liliane Spendeler, da ONG Amis de la Terre, o estudo mostra que “os OGM não são culturas miraculosas e que eles são de proveito para as empresas de biotecnologias”. O estudo está disponível, em inglês e espanhol, no sítio www.greenpeace.fr ou www.tierra.org

Saúde pública e Alca ONG alerta contra riscos da Alca

Segundo o jornal **O Estado de S. Paulo**, 29-8-03, a organização internacional Médicos Sem Fronteiras – MSF -, prêmio Nobel da Paz, lançou uma campanha para que todos os países das Américas tenham o direito de quebrar patentes para produzir ou importar genéricos. A MSF pretende sensibilizar governantes a retirar das negociações sobre a criação da Área de Livre Comércio das Américas (Alca) o capítulo sobre propriedade intelectual. Segundo a organização, entre as propostas da Alca, liderada pelos EUA, está a criação de barreiras legais para proteger

drogas americanas. “Estamos pedindo aos governos que não sacrifiquem a saúde pública para ganhar mercados na Alca”, disse Michel Lotrowska, coordenador da campanha no Brasil.

A demissão do presidente do Incra

Um fato político relevante

A agência Carta Maior, no dia 2 de setembro, noticiou o seguinte: “O ministro do Desenvolvimento Agrário, Miguel Rossetto, anunciou na manhã de terça-feira (dia 2) a demissão do presidente do Incra, Marcelo Rezende. O novo presidente do Incra será Rolf Hackbart, ex-presidente do Banco Regional de Desenvolvimento Econômico do Rio Grande do Sul (BRDE) durante o governo Olívio Dutra. Natural de Pelotas (RS), Rackbart, 44 anos, foi assessor do núcleo agrário do PT no Congresso Nacional e trabalhava atualmente no gabinete do senador Aloizio Mercadante (PT/SP)”. Segundo o jornal **O Globo**, 3-9-03, “Resende foi demitido na manhã de ontem. A conversa com Rossetto durou dois minutos. ‘O seu programa é diferente do nosso’ — disse o Ministro”. E segundo a agência Carta Maior, “logo após apresentar oficialmente o novo presidente do Incra, Rossetto seguiu para Porto Alegre, onde participa da Expointer, uma das maiores feiras agropecuárias da América Latina”.

Reforma agrária de mercado?

A dura reação dos movimentos sociais

Segundo a **Folha de S. Paulo**, **O Estado de S. Paulo** e **O Globo**, tanto o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) como a CPT (Comissão Pastoral da Terra) rotularam a demissão de Marcelo Resende da presidência do Incra como uma ‘traição’ do governo federal e do Ministério do Desenvolvimento Agrário. Para eles, foi uma vitória do ‘latifúndio’, dos ‘ruralistas’ e da ‘reforma agrária de mercado’. Os sem-terra e o braço agrário da Igreja Católica já avisaram o novo presidente do órgão, Rolf Hackbart, que ele não terá o apoio das entidades. ‘O Rolf foi bastante advertido do passo em falso que daria. Ele assume consciente de que não tem o apoio das entidades populares. Ele foi avisado, por isso dispensa as nossas solidariedade e participação’, disse o presidente nacional da CPT, Dom Tomás Balduino, segundo o jornal **Folha de S. Paulo**, 3-9-03.

‘Um desastre para a reforma agrária’

É a opinião de D. Tomás Balduino, presidente da CPT

‘Um desastre para a reforma agrária.’ Foi assim que o presidente da Comissão Pastoral da Terra (CPT), Dom Tomás Balduino, definiu a demissão de Marcelo Resende da presidência do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), segundo o jornal **O Estado de S. Paulo**, 3-9-03. “Não se trata apenas de uma troca de pessoas, mas sim da mudança de modelo da reforma. O que está em gestação no Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) é um modelo baseado no mercado - pior do que o adotado no governo de Fernando Henrique”. Sempre segundo **O Estado de S. Paulo**, “de acordo com o Bispo, Resende caiu, porque estava mais comprometido com a reforma agrária e com os interesses dos movimentos sociais do que o Ministro Miguel Rossetto. Para ele, o presidente do Incra se transformou num empecilho para a política do MDA: ‘O Rossetto está comprometido com a reforma agrária de mercado, que pode trazer de volta o Banco da Terra, combatido pelos movimentos sociais. É possível compreender melhor agora, porque ele não deu nenhuma agilidade ao plano de reforma agrária, que, após oito meses de governo, ainda não começou a andar.’ ‘Não aceitamos esse processo, essa decisão sem nenhum tipo de diálogo, que contraria o espírito desse governo’, disse o Bispo. ‘Esperamos que a Casa Civil e o próprio Presidente da República revejam essa

política que se instalou no MDA.' Segundo D. Tomás, o presidente demitido do Incra sempre defendeu a reforma agrária nos termos da Constituição - que prevê a desapropriação de terras improdutivas. Não aceitava a proposta que ganhou corpo no governo de FHC, com o apoio do Banco Mundial, de estímulo à compra de lotes pelos sem-terra."

Agronegócio está dentro do governo

D. Tomás Balduino e a demissão do presidente do Incra

D. Tomás Balduino, presidente da Comissão Pastoral da Terra, entrevistado pela **Folha de S. Paulo**, 4-9-03, atesta: "Estamos conscientes de que o agronegócio está dentro do governo". Para ele, a demissão do presidente do Incra significa "que virá uma reforma agrária compensatória, à mercê do orçamento. O pessoal acirra os caminhos de ocupações, que resultam em violência. E as vítimas são sempre os trabalhadores rurais".

A reforma agrária demora demais

D. Luciano Mendes de Almeida, ex-presidente da CNBB

O Arcebispo de Mariana (MG), D. Luciano Mendes de Almeida, criticou ontem o governo Lula pelo fato de o país ainda não ter realizado a reforma agrária. Disse que ela 'demora demais', segundo o jornal **Folha de S. Paulo**, 3-9-03. 'Por que o Brasil até hoje não tem reforma agrária? Está demorando demais, e o povo está sofrendo demais'. As palavras do ex-presidente da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) foram proferidas no teatro da Assembléia Legislativa de Minas Gerais, tendo ao seu lado o Ministro Luiz Dulci (Secretaria Geral da Presidência), durante lançamento do livro **Reforma Política e Cidadania** (editora Fundação Perseu Abramo).

Novo presidente do Incra é um passo importante

Presidente da UDR aplaude a mudança

O presidente nacional da UDR (União Democrática Ruralista), Luiz Antonio Nabhan Garcia, declarou ontem que a demissão de Marcelo Resende da presidência do Incra 'foi um passo importante para diminuir a radicalização no campo', segundo o jornal **Folha de S. Paulo**, 3-9-03. Segundo ele, 'todos sabiam que Resende era radical e com uma tendência pró-MST [Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra]'. Nabhan Garcia não quis fazer uma avaliação prévia sobre como será a gestão de Rolf Hackbart no órgão responsável pela implantação da reforma agrária. Segundo o jornal **O Estado de S. Paulo**, 3-9-03, a troca do presidente do Incra foi bem recebida por fazendeiros. 'A troca é bem-vinda e pode ser um indicador de que o governo não vai permitir a baderna', disse o presidente da Sociedade Rural Brasileira, João Sampaio. 'O governo demorou a perceber que, com toda a ligação ideológica que o Resende tinha com os movimentos dos sem-terra, ele não estava em condições de mediar conflitos.'

Salvador Allende, há 33 anos eleito presidente

Filha fala do 11 de setembro de 1973

O jornal italiano **La Repubblica**, 3-9-03, publica uma entrevista com Isabel Allende, a filha caçula de Salvador Allende, eleito presidente do Chile, em 3 de setembro de 1970. Isabel Allende é presidente da Câmara dos Deputados do Chile. Na entrevista, ela narra que chegou ao palácio La Moneda, pelas 8h30min, no dia 11 de setembro de 1973. Deixou o palácio pouco antes do bombardeio, pelas 11h, juntamente com a irmã 'Tati' que se suicidou, três anos depois, em Havana. O jornal pergunta: "Sente rancor? Isabel Allende: Rancor, não. Somente

muita dor. La Repubblica: Quando soube que seu pai estava morto, pensava que se suicidara ou que o tinham matado? Isabel Allende: Por muitos anos estive convicta de que o tivessem matado. Não conhecia o doutor Guijon e não confiava na sua versão dos fatos. Convenci-me de que meu pai se matou somente quando, em 1990, o seu corpo foi exumado. La Repubblica: Quem foram, segundo a sua opinião, os principais responsáveis da tragédia do dia 11 de setembro? Isabel Allende: Todos. Todos os atores políticos daqueles anos. Todos, a esquerda, a Democracia Cristã e a direita se sentiam donos da verdade. Não havia nenhum diálogo, somente um clima de polarização e confronto sempre mais violento que fechou todas as portas no sentido de um compromisso mais amplo que poderia ter evitado o Golpe de Estado.”

Mecanização do campo anula crescimento

Redução do emprego rural

Os ocupados rurais somam, no Brasil, cerca de 16 milhões de pessoas, dos quais a maior parte (13,6 milhões) trabalha na agricultura familiar e 4,2 milhões são assalariados rurais, segundo a Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD) 2001, do IBGE. Segundo o jornal **Valor Econômico**, 3-9-03, “as projeções de José Eli da Veiga, economista da FEA-USP, apontam para uma redução brutal do número de assalariados rurais, de 4 milhões para 2 milhões, por conta do processo de modernização rural”.

Redução do emprego rural

O exemplo da colheita da cana

Segundo o jornal **Valor Econômico**, 3-9-03, o processo de redução do emprego rural está plenamente em curso. “Uma lei estadual em vigor no Estado de São Paulo, por exemplo, exige que, a partir de 2004/2005, as usinas de cana não poderão mais queimar cana para colher, o que vai levar a colheita a passar de manual a mecanizada. Cada colheitadeira desemprega cem pessoas neste ofício”, alerta Antonio Florindo, gerente do Censo Agropecuário do IBGE. Segundo a pesquisa de José Eli da Veiga, as lavouras de cana, algodão, café, laranja, milho e cacau são as maiores devoradoras de postos de trabalho no campo. Ele recorda que, nos canaviais, a demanda por mão-de-obra foi cortada pela metade nos anos 1990, apesar de ter ocorrido uma expansão de 10% da área cultivada.

MST: o mais bonito movimento social do Brasil neste século

Celso Furtado e o MST

Celso Furtado, economista, que será tema de estudo na próxima etapa do Ciclo de Estudos sobre o Brasil, a ser realizada no dia 11 de setembro, numa promoção do IHU, analisando e confirmando que o setor rural hoje está desempregando, cita o Movimento dos Sem-Terra – MST - como “o movimento popular mais corajoso, o mais bonito movimento social do Brasil neste século, como declarei ao rei da Bélgica”, pois ele é um aliado que poderá ajudar a evitar outro êxodo rural. Sempre segundo o jornal **Valor Econômico**, 3-9-03, Celso Furtado explica que, ao organizar os sem-terra, o MST acaba atraindo e abrigando a população desempregada e abandonada no campo ‘como gado’, ensinando esse pessoal a trabalhar em cooperativas e evitando, sua sobrevivência precária na periferia das grandes cidades. Para Antonio Florindo, gerente do Censo Agropecuário do IBGE, “o importante é que se criem condições para manter estas 16 milhões de pessoas ocupadas no campo nos próximos anos, produzindo e tendo condições de preço e colocação do seu produto. É bom que quem está lá, não saia”.

Mudança de foco

A pregação de Joseph Stiglitz no Brasil

Para o Prêmio Nobel de Economia em 2001, Joseph Stiglitz, não há resposta nem caminho fácil para um crescimento sustentável e que seja 'inclusivo', englobando as várias classes sociais da população. Ele está convencido de que as experiências da última década - onde os países da chamada periferia seguiram mais ou menos à risca a receita do Fundo Monetário Internacional (FMI) - foram um fracasso. Não só no Brasil, mas no mundo todo, argumentou ele. Olhando mundo afora, o crescimento na primeira metade dos anos 90 foi inferior ao das décadas de 50, 60 e 70. "No Brasil, ele foi menos que a metade", resume. O Brasil cresceu, em média, 7,4 % ao ano nos 50, 6,2% nos 60 e 8,6% nos 70. Nos anos 90, o crescimento médio anual do país foi de apenas 2,6%. E neste início de século 21, a média está ainda menor: 1,2%. O modelo receitado sem distinção pelo Fundo, resumiu o economista, tinha um tripé: estabilização macroeconômica, privatização e liberalização comercial. "Mas a estabilização que sempre se perseguiu foi uma só, a da inflação; ninguém nunca perseguiu a estabilização da taxa de crescimento ou do desemprego", criticou Stiglitz. O erro começou aí. Para Stiglitz, crescimento e emprego também deviam estar no centro das atenções. Joseph Stiglitz esteve no Brasil no final do mês de agosto. O jornal **Valor Econômico** publicou um caderno especial, no dia 1-9-03, sobre o seminário no qual Joseph Stiglitz participou e foi a grande estrela.

Por um modelo alternativo na AL

Criação de emprego e controle do capital especulativo

Segundo o caderno especial do jornal **Valor Econômico**, para J. Stiglitz, "hoje, em toda a América Latina existe uma preocupação com um modelo econômico alternativo. Mas como construí-lo? Quais as bases? A receita completa não existe, mas o ex-vice-presidente do Banco Mundial aponta o rumo: criação de emprego. "Essa deve ser a base do modelo de crescimento", sustenta. Olhar para o emprego implica rever bases fundamentais do modelo adotado pelos países que adotaram o neoliberalismo nos anos 90. Uma delas é a redução do papel do Estado e a supremacia dos mercados. Em nome desta última, o Consenso de Washington defendeu abertura dos mercados para os fluxos de capitais vindos do exterior. "Isso tem muito a ver com os problemas da América latina", resume Stiglitz. "Não se constrói fábrica com dinheiro que entra e sai", argumenta. "As condições que atraem os capitais de curto prazo são as mesmas que destroem a criação de empregos", diz ele. Stiglitz diz que o FMI defendeu a adoção, nos países da chamada periferia, de um modelo para o qual nunca existiram evidências de sucesso. Além disso, muito do que a instituição preconizava e exigia dos países em desenvolvimento era diferente do aplicado em países desenvolvidos como os Estados Unidos. O Federal Reserve (Banco Central Americano) não olha apenas para a inflação, quando determina a taxa de juros da economia americana. Ele olha também para o emprego e o crescimento.

Necessidade de uma política industrial

'Quem inventou a internet?' – pergunta J. Stiglitz

Para o Prêmio Nobel de Economia e ex-vice-presidente do Banco Mundial, os Estados Unidos sempre fizeram política industrial - palavra abolida e classificada como maldita no debate econômico brasileiro dos anos 90. "Quem inventou a internet?", perguntou ele. "Foi o governo americano", respondeu. As pesquisas de inovação que deram origem à grande rede mundial de computadores tiveram, sempre, apoio financeiro do governo americano. Isso também ocorreu

na criação do telégrafo, das inovações tecnológicas na agricultura, no serviço de remessas rápidas (Fedex), entre outras. Outra tese rejeitada por Stiglitz - e que teve muitos adeptos no Brasil - foi a de que bastava produzir crescimento e todos se beneficiariam. "Não há evidências que sustentem essa tese, pelo contrário".

Desigualdade social na AL

O papel do ensino médio

Para Joseph Stiglitz, que foi também o chefe da equipe de economistas do governo Clinton, um dos problemas reais da América Latina é a desigualdade. E ela não melhorou ao longo dos anos 90. No Brasil, 1% dos mais ricos da população de 170 milhões de habitantes detém 13,3% da renda nacional, enquanto os 50% mais pobres ficam com uma parcela ainda menor: só 12,5%, segundo os dados da última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad). Os países que conseguiram crescer e ao mesmo tempo reduzir a desigualdade, diz ele, tiveram em comum políticas baseadas na criação do emprego, na melhoria da produtividade e também na redução da defasagem do conhecimento. "Crescimento no número de empregos é a política social mais importante de todas", avalia Stiglitz. O Brasil tem, atualmente, 29% de analfabetos funcionais, pessoas com mais de 15 anos que não concluíram a quarta série do ensino fundamental. No Nordeste, esse percentual é ainda mais assustador e atinge 55% da população. Dados referidos pelo economista-chefe do Banco Itaú, Sérgio Werlang, o retorno obtido com a educação - que hoje indica crescimento de 13% na renda a cada ano a mais de estudo - deveria nortear os investimentos do Estado, segundo ele. E estudos indicam que o retorno obtido no ensino universitário é menos da metade do verificado em investimentos no ensino básico.

Brasil campeão da desigualdade na AL

Crescimento econômico não necessariamente diminui as desigualdades

"A pobreza aumentou, a flexibilidade das relações de trabalho não aumentou o emprego, a informalidade se tornou maior, a renda per capita continuou caindo", analisa o economista. No Brasil, segundo Stiglitz, a desigualdade é maior do que em outros países da América Latina, o que compromete o crescimento. Pior: o crescimento, não necessariamente, diminui as desigualdades. É o que mostram dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea): desde 1976 até 2002, o índice de Gini (indicador que mede a concentração de renda e que, quanto mais próximo da unidade, maior é a concentração) continuou na faixa de 0,6. No mesmo período, o PIB real per capita aumentou 23,5%. "Fracassos previsíveis", sentencia Stiglitz. Ele diz que aqueles que citam Adam Smith para alardear que, em mercados sem governo, tudo vai bem, não entenderam direito o clássico, segundo o qual sempre há "uma mão invisível conduzindo os mercados". Preceito ignorado sobretudo nos países desenvolvidos. A desregulamentação financeira nos EUA foi um desastre total, com perda de mais de US\$ 100 bilhões para os investidores. "Os Estados Unidos e o FMI querem que todo o mundo siga a mesma receita, para que todos sofram como nós", brinca Stiglitz. Porém, ressalta que os EUA dispõem de bilhões para suportar tais problemas.

Os economistas brasileiros estão em dívida com o País

A passagem de Stiglitz pelo Brasil questiona a ortodoxia econômica

Na matéria intitulada '*Visita de economista oxigena debate e vai provocar mudanças*', o jornal **Valor Econômico**, 1-9-03, afirma: "O principal mérito da passagem de Joseph Stiglitz pelo Brasil nestes dias - defendendo o crescimento econômico, e não apenas o simples controle da

inflação - é o de estar repondo a discussão econômica de uma forma original. A opinião é de Antoninho Marmo Trevisan, da Trevisan Auditores e Consultores, contabilista de profissão. “Acho que Stiglitz vai levar os economistas brasileiros a abandonar paulatinamente a mediocridade de suas posições e começar a refletir sobre o papel que eles desempenham no país”, diz ele. Em sua visão, um expressivo número de economistas brasileiros acabou aceitando a tese de que vale tudo para se alcançar a estabilização macroeconômica e que depois de atingida a meta nada mais é preciso fazer. “A conclusão a que se chega hoje, tristemente, é de que as piores fases de crescimento do Brasil ocorreram justamente nos períodos em que a inflação não era alta”, comenta. Não que isso seja motivo para se concluir pelo retorno às altas taxas inflacionárias como algo aceitável, ressalta. Mas esse dado coloca os economistas no mínimo em um dilema. “Qual é o papel deles: combater a inflação ou gerar emprego?” O discurso de Stiglitz é, a seu ver, tão seminal, que já produz efeitos concretos. “Outro dia ouvi o Pérsio Arida repetir teses parecidas com as do prêmio Nobel de Economia de 2001, e ao mesmo tempo, admitir que os economistas brasileiros estão em dívida com a Nação”.

O sacrifício do México foi em vão

A constatação de Joseph Stiglitz

“Um país tem de planejar e pensar para onde ir”, afirmou o economista Joseph Stiglitz, Prêmio Nobel de Economia em 2001, ao falar durante o painel ‘Setores Fundamentais para o Incremento do Desenvolvimento’, durante o seminário sobre modelos de desenvolvimento realizado semana passada em São Paulo, segundo o jornal **Valor Econômico**, 1-9-03. Conforme ele, as vantagens competitivas dos países estão se alterando rapidamente em razão das mudanças econômicas globais. Há 30 ou 40 anos, lembrou, os países asiáticos adquiriram habilidades na formação de recursos humanos, enquanto, há menos tempo, a China se tornou poderosa no setor industrial, ao aproveitar o enorme contingente de mão-de-obra, investir em pesquisa, desenvolvimento e treinamento e, por fim, ganhar acesso à Organização Mundial do Comércio (OMC). O México, avalia Stiglitz, trilhou caminho diferente. O ingresso do país na Área de Livre Comércio da América do Norte (Nafta) é qualificado por ele como um ‘sacrifício em vão’. Apesar dos baixos salários dos trabalhadores mexicanos, o desemprego aumenta no país. Se para o México foi importante a proximidade com os Estados Unidos, para a China valeu a proximidade com mercados importantes de países asiáticos. Mão-de-obra barata, por mão-de-obra barata, a da China também é, mas o país não ficou nisso, e partiu para a identificação de nichos de mercado nos quais seus produtos pudessem ser competitivos. Acabou substituindo os Estados Unidos como importantes parceiros comerciais de países como a Coreia, que passaram a investir na China.

Os pilares do Consenso de Washington pioraram a situação dos países

Stiglitz questiona as privatizações e a liberdade de capitais

A abertura dos mercados e a liberdade dos fluxos de capitais, lembra o economista J. Stiglitz, segundo o jornal **Valor Econômico**, 1-9-03, são pilares do Consenso de Washington. Ocorre que, quando os capitais saem, a situação dos países que os acolheram fica ainda pior. “Final, quais as evidências de que a liberdade de capitais promove o desenvolvimento econômico? Não há qualquer evidência científica de que a desregulamentação do mercado de capitais propicie o desenvolvimento de países em desenvolvimento. O mesmo vale para as políticas do Fundo Monetário Internacional”, afirma Stiglitz. Da mesma forma, na sua avaliação, as evidências sobre os resultados das privatizações também são ambíguas. “As estatais francesas dos setores de energia elétrica, água e esgoto, por exemplo, são mais eficientes do que as

concessionárias de serviços privadas dos Estados Unidos, conta Stiglitz. As estatais de cobre de países produtores propiciam dez vezes mais recursos para gastos sociais do que as empresas privadas”. Para ele, ao contrário do que se prega, nem sempre o que é bom para Estados Unidos e Europa, é adequado para os demais países.

Frases da Semana

“Não votei no Lula, mas sou brasileiro e torço para que dê certo. E o Lula até agora, foi uma agradável surpresa”. – Antonio Ermírio de Moraes, presidente do conselho de administração do grupo Votorantim – **Valor Econômico**, 26-8-03.

“No Brasil, só tem dois partidos: os bancos e o resto. No Brasil, ninguém quer saber de risco. Só quer saber de aplicar em juro”. – **Valor Econômico** 26-8-03.

“Na África, um tal fato nunca acontece. Eu me sinto cada vez mais um cidadão do Máli. Entre nós, os idosos são respeitados” – um adolescente, com um *tee-shirt Dirty Soul*, comentando o enterro ‘oficial’, ocorrido no dia de ontem, de 57 idosos parisienses, que morreram sós e abandonados, durante a canícula francesa. – **Libération**, 4-9-03

Quando a miséria cresce... só a revolução!

Mesmo satisfeitos de vermos um operário no poder, faltam definições por parte do governo atual. A questão da reforma agrária, por exemplo, é para nós fundamental. Ah, como nos revolta ver milhares de brasileiros a caminharem pelas estradas em busca do teto e da terra que há muito lhes deviam pertencer! Ah, quando a miséria cresce e a esperança foge do coração dos homens, só a revolução!” – Oscar Niemeyer, arquiteto, ao lançar a sua novela **E agora?**, São Paulo: Paz e Terra, 2003 – **Folha de S. Paulo**, 6-9-03.

“A miséria é muito grande, os movimentos sociais formam uma panela de pressão que está prestes a explodir. A pobreza está à vista de todos. Os conflitos sociais, registrados ultimamente, apenas demonstram que a sociedade quer mudar e necessita de mudanças” – D. Geraldo Majella Agnelo, cardeal-arcebispo de Salvador, presidente da CNBB – **Folha de S. Paulo**, 8-9-03.

Teologia e economia

“Veja, não quero opinar sobre teologia, mas a situação econômica está se revertendo” – Marco Aurélio Garcia, assessor especial do Presidente da República, em entrevista ao jornal argentino Clarín, ao ser perguntado sobre as críticas da CNBB ao governo Lula – Clarín, 6-9-03.

Cancún

“Cancún pode ser para a OMC o que a guerra do Iraque foi para as Nações Unidas, no sentido de minar sua influência e marginalizá-la” - Oxfam, organização não-governamental britânica – **Folha de S. Paulo**, 6-9-03.

A revolta estudantil de Salvador

“Se você acha que o MST, do Brasil velho, distante das metrópoles, já faz barulho, espere para ver o que esses jovens, frustrados e escolarizados, vão fazer quando reproduzirem, em escala

nacional, o efeito Salvador. É só uma questão de tempo” – Gilberto Dimenstein, jornalista, analisando a imponente articulação dos estudantes de Salvador, Ba, na semana passada – **Folha de S. Paulo**, 7-9-03.

“A garotada rejeitou explicitamente a oferta de ‘liderança’ de entidades como a União Nacional dos Estudantes – UNE – e a União Baiana dos Estudantes Secundaristas – UBES, acusando-as de não passarem de instrumentos partidários interessados em capitalizar o movimento” – reportagem “A guerrilha dos meninos” – **Carta Capital**, 10-9-03.

Retorno à teologia da ressurreição

“Hoje, acredito que é urgente, na reflexão cristã, uma nova reflexão da ressurreição. Os luteranos aprofundaram muito a teologia da cruz. Os católicos, a da encarnação. Agora é necessário dar um outro passo: retornar à teologia da ressurreição, que é o início da vida nova em Cristo e reelaborá-la. Isso nos dará força para agir contra toda e qualquer forma de morte e de mal e para aprofundar também uma reflexão ética sobre a justiça” – Jürgen Moltmann, teólogo alemão, luterano, autor do livro *A vinda de Deus. Escatologia Cristã*, São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003, em entrevista para a revista mensal italiana **Jesus**, setembro de 2003.

MEMÓRIA

THEODOR WIESENGRUND ADORNO – 11-9-1903 A 6-8-1969

*No dia 11 de setembro desta semana, celebra-se o centenário de nascimento de T. W. Adorno, filósofo que articulou crítica do conhecimento, crítica social e crítica de arte em um pensamento expresso sob a forma errante do ensaio e escrito sob o impacto das catástrofes históricas do século XX. Reproduzimos o artigo de Leandro Konder, filósofo brasileiro, professor da PUC-Rio, publicado, sob o título abaixo, no **Jornal do Brasil**, em 6 de setembro de 2003.*

ADORNO: O POLEMISTA FAZ 100 ANOS

Na próxima quinta-feira, além da tristíssima recordação dos que morreram na destruição das torres gêmeas do World Trade Center, em Manhattan, estará sendo celebrado o centenário de nascimento de um notável filósofo alemão: Theodor Wiesengrund Adorno.

Qualquer que seja a avaliação que podemos fazer da atualidade de algumas de suas idéias, dificilmente se poderá negar, hoje, a importância histórica e o pioneirismo de suas críticas a determinadas formas do capitalismo contemporâneo e da sua "indústria cultural".

Adorno nunca se filiou ao "marxismo-leninismo", tal como essa "doutrina" era proclamada pelos dirigentes da União Soviética. De Marx, ele ficava com a "dialética negativa", quer dizer, com a análise desmistificadora do modo de produção capitalista. E rejeitava o pensamento comprometido com a revolução proletária e a construção da sociedade socialista (a "dialética positiva").

Detestava a Alemanha de Hitler e a União Soviética de Stálin. Exilou-se nos Estados Unidos e abominou também a hipocrisia das instituições liberais que conviviam pacificamente com tendências fascizantes.

Desprezava a "cultura popular", que, no essencial, a seu ver, se deixava condicionar e manipular pela "indústria cultural". A "indústria cultural", aliás, era o seu "demônio": com os colossais investimentos que passara a exigir no século 20, ela tinha conferido uma nova vitalidade ao sistema; e tinha criado instrumentos poderosíssimos para que a classe dominante influenciasse decisivamente o gosto da massa dos consumidores.

Com seu humor ferino, Adorno advertia que a burguesia precisou de muito tempo para preparar as pessoas para receberem como humanamente significativas, no cinema, as caras de Mickey Rooney e Victor Mature.

Adorno era especialmente hostil aos produtos que a "indústria cultural" destinava ao entretenimento das massas. Para ele, nas condições atuais, divertir-se é alienar-se. Talvez o ponto máximo alcançado pelas provocações desse polemista esteja nas posições que ele assumiu contra o jazz. Nenhum dos seus escritos terá provocado tantas e tão veementes réplicas.

Seus artigos sobre o cinema e suas reflexões sobre a história, porém, também suscitaram (e ainda suscitam) apaixonadas discussões. Para ele, o historiador empenhado em remover a camuflagem ideológica do capitalismo precisa combater o artilheiro que apresenta a dimensão da continuidade na história como mais importante do que a dimensão da ruptura.

A continuidade que prevalece sobre ruptura - insiste - não é a do progresso, da libertação, mas a da exploração, da opressão, do poder de destruir. E, influenciado por Walter Benjamin, ele escreve: "Não há uma história contínua, que vai do selvagem à civilização. Mas há uma que vai do machado de pedra à megabomba".

O juízo de Adorno é drástico. Polemizando consigo mesmo, entretanto, o filósofo diz que "toda tese drástica é falsa".

Quando lhe dizem que ele incorre em diversos exageros, ele retruca: "Só o exagero é verdadeiro".

Não se trata, contudo, de um brincalhão. Posso lhe garantir, leitor, que o homem era muito sério. Talvez fosse até sério demais.

Dedicava-se a alertar os outros para possibilidades bastante incomuns de pensamento. Sua grande preocupação era a de contribuir para que o pensamento não estacionasse, não se instalasse na repetição de clichês.

No esforço de se abrir para a aventura do novo, as idéias devem se surpreender a si mesmas. Ao expressá-las por escrito, sua preocupação estilística era a de sacudir o leitor, tirando-o da passividade.

Os conceitos são preciosos instrumentos de trabalho, não são fortalezas onde o pensamento possa repousar.

Adorno escreveu: "Todo conceito filosófico é a cicatriz de um problema irresolvido". Esse que questiona a própria filosofia - e não recua diante do desafio do autoquestionamento - é o Adorno que preserva toda a sua vitalidade, aos 100 anos do seu nascimento.

DONALD DAVIDSON – 6-3-1917 A 30-8-2003

*Faleceu no sábado, dia 30 de agosto Donald Davidson. Traduzimos o artigo de Franca D'Agostini publicado no jornal italiano **Il Manifesto**, em 3 de setembro de 2003, sobre o filósofo Donald Davidson, recentemente falecido, grande protagonista da filosofia analítica cujos trabalhos alimentaram uma infinidade de debates, seja nos EUA, seja na Europa. Os seus estudos foram dedicados à teoria do significado, à filosofia da mente, à epistemologia. Do autor, em português, foi publicado o livro **Ensaaios sobre a verdade**, São Paulo: Unimarco, 2002. O livro é uma coletânea de textos de Donald Davidson, recolhida e organizada por Paulo*

Ghiraldelli Jr. e Pedro Bendassolli, com a colaboração de Waldomiro José da Silva Filho. A obra trata de filosofia da mente e teorias da verdade.

Franca D'Agostini, italiana, ensina filosofia moderna e é autora, entre outros livros, de **Analíticos e Continentais**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002 e **Lógica do Nilismo**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.

ADEUS AO MESTRE DO ÓBVIO

Donald Herbert Davidson, um dos grandes protagonistas da filosofia do século XX, morreu de um ataque cardíaco, no sábado, dia 30 de agosto, em Berkeley. Nascido no dia 6 de março de 1917, em Springfield, estudou literatura comparada e filologia clássica. O encontro com Alfredo North Whitehead, de quem foi aluno em Harvard, o converteu para a filosofia. A seguir foi aluno de Willard Van Orman Quine, e sob a sua orientação apresentou, em 1949, uma dissertação sobre o *Filebo* platônico. Ensinou filosofia em Stanford, Princeton, Chicago, desde 1981, em Berkeley. O primeiro escrito, em 1952, tem como título **Why study philosophy?** Mas é somente a partir dos anos 1960, com os primeiros ensaios de filosofia da ação e da linguagem, que Davidson se afirma como um pensador de primeiro plano, inicialmente no panorama filosófico anglo-americano, depois também na Europa. Autor, como prevê o cânone analítico, de breves ensaios publicados em revistas, edita pela primeira vez seus escritos em 1980, **Essays on Actions and Events**, e pela segunda, em 1984, **Inquiries into Truth and Interpretation**. Os textos do seu confronto crítico com Michael Dummett e Ian Hacking apareceram em italiano, organizados por Luigi Perissinotto, com o título **Linguaggio e interpretazione. Una disputa filosofica** (Unicopli). Saiu também, neste ano, a tradução de **Subjective, Intersubjective, Objective**, pela editora Raffaello Cortina.

Os seus trabalhos suscitaram uma quantidade quase infinita de discussões e comentários, não somente no interior da filosofia analítica. A Davidson se referem, nos anos 1980, tanto Jürgen Habermas quanto Karl Otto Apel. Além disso, a afinidade entre o trabalho de Davidson, precisamente definido por alguns como o 'filósofo da interpretação', e as filosofias da linguagem européias, que fizeram da interpretação o seu núcleo temático fundamental, salta aos olhos. E não se trata de uma afinidade exterior ou preliminar, mas de uma profunda consonância, que se encontra tanto nos singulares pontos problemáticos como na impositação metafísica geral.

Talvez a característica mais visível do estilo filosófico de Davidson é a sua absoluta e, contudo, sutil banalidade. Cabe à filosofia, ao menos até um certo ponto, ser um pouco banal. E isso se justifica também na ótica de uma filosofia entendida hegelianamente como voz do espírito do tempo: como se pode dar conta (também criticamente) das verdades fundamentais de uma época, sem olhar o mediano, e aquilo que é medianamente conhecido, o que é compartilhado? O jogo consiste em fazer emergir da banalidade aquilo que é *filosófico*, ou seja, o que é essencial, e aristotelicamente 'maravilhoso' (ou se se quer: o inquietante ou que perturba, ou o patético, o inteligente ou o insensato). A capacidade de trabalhar com o óbvio e o simples, relevando a enorme complexidade do que o uno e o outro trazem consigo, foi seguramente um requisito dos filósofos analíticos clássicos, ao menos a partir de Moore; mas na segunda metade do século XX talvez Davidson foi o mais interessante e fascinante mestre.

Com efeito, o seu pensamento parte de intuições muito simples, ao redor das quais constrói depois um sistema de detalhadas precisões e distinções: permanece, porém, ativa e operante coerentemente, em cada grau da análise, a natureza amplamente visível, e por isso *racional*, das idéias davidsonianas de fundo. Quatro são os âmbitos problemáticos freqüentados por

Davidson: a filosofia da linguagem, particularmente a teoria do significado, por ele levada a um novo nível de autocompreensão; a metafísica, e, particularmente, a análise dos conceitos de causa, ação, evento; a filosofia da mente, âmbito no qual sustentava uma posição conhecida como 'monismo anômalo'; a epistemologia (ou seja, a teoria do conhecimento), argumento dos últimos escritos, dedicados ao problema da objetividade (em que condições sabemos que o nosso pensamento se submete a qualquer coisa de real, e que é reputado como real também pelos outros?)

Como muitos dos seus coetâneos, Davidson esteve atento à necessidade de se medir com alguns dos grandes resultados limitativos da geração precedente (de Quine, Wittgenstein, Tarski), mostrando como, não obstante algumas dificuldades efetivas, que sugerem correlativas e razoáveis cautelas, é possível, na filosofia, falar seriamente de significado, de verdade, de objetividade.

AVISOS DA COORDENAÇÃO

Trabalho, Economia Solidária e Cooperativismo

Os professores e pesquisadores que atuam na Área II – Trabalho, Solidariedade e Sustentabilidade do IHU, reuniram-se no dia 2 de setembro para debaterem sobre as mudanças no mundo do trabalho. A partir do texto **Sociedade do Trabalho e Sociedade Sustentável: algumas aproximações** (In: OSOWSKI, Cecília e MÉLO, José Luiz Bica (Org.) **O Ensino Social da Igreja e a Globalização**, Coleção Humanitas, São Leopoldo : UNSINOS, 2002, p. 37-83) de sua autoria, o Prof. Dr. Inácio Neutzling, coordenador do IHU, apresentou as mudanças do mundo do trabalho que estão ocorrendo em todos os países e principalmente no Brasil. Foi a primeira vez que se fez um estudo com essa metodologia, o que acontecerá todas as primeiras segundas feiras de cada mês. Um outro assunto debatido foi a possibilidade de fusão entre os Grupos Temáticos Cooperativismo e Economia Solidária. Foram colocadas as primeiras sugestões que voltarão a ser discutidas em próximas reuniões.

Conselho do Centro

No dia 2 de setembro, a coordenação do IHU participou da reunião do Conselho do Centro de Ciências Humanas da Unisinos. Entre outros assuntos, discutiu-se a criação do Curso de Graduação: Museologia e Gestão da Cultura, e algumas propostas de Cursos de Especialização.

Educação na Universidade

O professor Dárnis Corbellini, coordenador da Área de Concentração II – Trabalho, Solidariedade e Sustentabilidade participou do III Congresso Internacional de Educação, colaborando com as professoras Dulce Maria de Oliveira, Maria Clara Bueno Fischer e Sinara Robin no Espaço de encontros e interlocução entre grupos e redes de ensino, pesquisa e extensão em educação ocorrido no dia 3/09, das 9h às 12, na sala 5 C 221 Na ocasião foi discutido o tema *Trabalho e Educação na Universidade*. O professor Dárnis e a professora Dulce apresentaram como acontece a interação no Programa Unitrabalho.

III Congresso Internacional da Educação

No dia 3 de setembro, Inácio Neutzling, coordenador do IHU, proferiu a conferência *A questão do império* no III Congresso Internacional da Educação, realizado na Unisinos, e cujo tema central foi “Educação na América Latina nestes tempos de *império*”.

Simpósio Internacional

No dia 4 de setembro, a coordenação do IHU se reuniu com a professora Rosa Maria Serra Bavaresco, coordenadora da Área de Concentração Teologia Pública, do IHU, Ricardo Petry de Andrade, da Agência Experimental em Comunicação da Unisinos (Agexcom), e com Carolina Rosado dos Santos, da Pró-Reitoria de Desenvolvimento da Unisinos (Prodesen), para discutir as peças publicitárias do **Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI**, a ser realizado na Unisinos, de 24 a 27 de maio de 2004. Também foi aprovada a confecção de cartões do evento nas línguas inglesa e espanhola.

Arquitetura e Urbanismo

No dia 4 de setembro, a coordenação do IHU se reuniu com a profa. MS Eneida Ripoll Stroher, coordenadora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Unisinos para trocar idéias sobre as grandes tendências da arquitetura, hoje, tendo em vista alguns eventos conjuntos para o ano de 2004.

IHU REPÓRTER



ANA MARIA LEAL ZANCHET

Nascida na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, a professora Ana Maria Leal Zanchet tem como paixão profissional e pessoal as terras gaúchas que adotou como próprias. A coordenadora do PPG em Biologia da Unisinos fala sobre sua trajetória, sua paixão pelas planárias e animais que pesquisa.

Formação - Aos 17 anos, ingressei na Universidade Federal do Rio Grande do Norte para cursar Ciências Biológicas. Quando estava no segundo ano da faculdade, passei no concurso para monitoria da histologia e fui monitora até o fim do curso. Formei-me com 20 anos. Decidi que queria fazer uma pós-graduação na área da zoologia de invertebrados e encontrei um mestrado na PUCRS, em Porto Alegre, exatamente como eu precisava. Consegui bolsa da Capes e cursei os três anos sob a orientação do prof. José Willibaldo Thomé. A PUC tinha um convênio com a Universidade de Tübingen, na Alemanha. Ele me recomendou para fazer o doutorado lá. Em 1991 comecei o doutorado. Foram quatro anos estudando zoologia, numa continuidade do que já tinha desenvolvido no mestrado. De 2000 a 2001, fiz um pós-doutorado na USP, em São Paulo, na Zoologia sobre sistemática de planárias terrestres.

Zoologia - Na metade do curso de graduação, meu interesse estava voltado para a zoologia, principalmente para os animais invertebrados. Meus professores me informaram que tinha um jesuíta, numa universidade do Rio Grande do Sul, que desenvolvia uma pesquisa com planárias, que são platelmintos³ de vida livre. Conheci, então, a Unisinos e o Pe. Josef Hauser. Viajei três dias de ônibus e fiquei um mês estagiando com o Pe. Hauser. Fiquei tão apaixonada que, no ano seguinte, voltei e permaneci três meses na pesquisa, desenvolvendo a parte prática do que viria a ser o meu trabalho de conclusão de curso. Quando terminei o mestrado na PUC, ingressei aqui na Unisinos, junto ao Pe. Hauser, no Instituto de Pesquisa de Planárias.

Família- Foi aqui no Sul, no primeiro mês que vim para trabalhar com o Pe. Hauser, que conheci o Neuri, meu esposo. Só não estava decidido se eu viria para São Leopoldo ou se ele iria para Natal. Quando me identifiquei com o mestrado na PUC, em Porto Alegre, deu tudo certo. Casamos na mesma época, há 16 anos, e moramos aqui em São Leopoldo desde então. Neuri acaba de concluir o mestrado em Ciências Sociais Aplicadas aqui na Unisinos. Ainda não temos filhos.

Instituto de Pesquisa de Planárias – Quando conheci o IPP, ele funcionava lá na Antiga Sede da Unisinos, desde sua fundação, em 1981. Quando voltei do doutorado na Alemanha, a Unisinos estava num processo de reestruturação. Em 1995, o IPP foi transferido para o Campus, inserindo-se no Centro de Ciências da Saúde. O Pe. Hauser estava se aposentando e me indicou para assumir a coordenação do Instituto. Fizemos uma linda homenagem a ele, reconhecendo o trabalho feito com esmero durante tantos anos.

Livro – O mundo de Sofia, de Jostein Gaarder.

Autor – E. O. Wilson, editor do livro Biodiversidade.

Filme – Frida, de Julie Taymor

Uma paixão – Sem dúvida, minha profissão, meu trabalho com ensino, pesquisa e extensão na Biologia. Viajar e conhecer outras culturas também me encanta.

Nas horas livres – Ler e ir ao cinema. É o básico.

Um grande sonho – Conhecer o mundo inteiro.

Unisinos – Uma instituição sólida, que está se consolidando cada vez mais na pesquisa e na pós-graduação. Acho importante a conscientização que está havendo com relação ao desenvolvimento regional. Não adianta ser um pólo de desenvolvimento por si só, sem que a comunidade regional possa participar ativamente. Acho que a Unisinos está no caminho certo.

IHU – Conheço pouco do IHU, por pura falta de tempo. Conheço mais os eventos, palestras, e as publicações impressas, como o *IHU On-Line*, de excelente qualidade, com temas atuais, de extrema importância.

³ Animais acelomados, de simetria bilateral, de corpo achatado, foliáceo ou em forma de fita, segmentado ou não, e tubo digestivo (quando presente) desprovido de ânus. Algumas espécies são de vida livre, mas na maioria são parasitos. (Fonte: Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa)

Brasil – Embora ainda haja muito a consolidar nas áreas administrativa e política, o atual Governo Federal está mais perto do que qualquer outro de conseguir pagar a dívida social que o País tem com a população. Desejo que esse Governo consiga cumprir com a meta de reduzir as desigualdades sociais no nosso País.

EVENTOS IHU

CICLO DE ESTUDOS SOBRE O BRASIL

No dia 11 de setembro, das 14h às 17h, na sala 1G119, acontecerá mais uma etapa do **Ciclo de Estudos sobre o Brasil**. O debate será sobre o livro **Formação econômica do Brasil**, de Celso Furtado, apresentado pelo Prof. Dr. André Moreira Cunha, professor na UFRGS, Doutor em Economia pela Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, com tese intitulada **Crise no Pacífico Asiático: Causas e Conseqüências**. O prof. André Cunha conversou com **IHU On-Line** sobre Celso Furtado e sua obra.

IHU On-Line- Qual é a novidade na leitura do Brasil feita por Celso Furtado?

André Cunha- Para entender a importância de Celso Furtado, há que se iniciar por dois elementos. O primeiro é o conceito de subdesenvolvimento. E o segundo, o seu método análise. A CEPAL, com o trabalho inaugural de Prebisch, em 1949, e com os trabalhos posteriores de Furtado, que dinamiza e coloca história na noção prebischiana de "centro x periferia", desloca a visão convencional (conservadora) sobre o processo de desenvolvimento latino-americano. O nosso "atraso" seria o resultado de uma certa inserção na divisão internacional do trabalho, inaugurada com o processo de gestação e consolidação do capitalismo. Vencer esse atraso implicaria a busca pela industrialização com o apoio de políticas públicas racionais, com o uso do planejamento. O subdesenvolvimento não seria uma etapa prévia ao desenvolvimento, como na visão consagrada por Rostow. Mas, sim, um fenômeno autônomo, resultado do mesmo processo histórico que gerou, nos países centrais, crescimento econômico com homogeneização da sociedade. Em seu livro de 1961 (*Desenvolvimento e Subdesenvolvimento*), Furtado nos esclarece brilhantemente neste sentido. O subdesenvolvimento está associado ao baixo crescimento da produtividade, cujos efeitos sobre a economia são desiguais (há setores dinâmicos e atrasados). Além disso, mesmo com crescimento (cujo motor é a elevação da produtividade), o subdesenvolvimento pode se manifestar na incapacidade de a sociedade avançar no plano social. Tais reflexões derivam do método histórico-estrutural empregado pelo autor, onde as técnicas de análise econômica (especialmente a macroeconomia de recorte keynesiano) são aproximadas das ciências sociais, especialmente a história e a política. Celso Furtado sempre se ocupou dos temas vinculados às estruturas de poder e aos processos decisórios em uma sociedade. A partir desse marco mais geral, é possível afirmar que a primeira grande contribuição de Celso Furtado à compreensão do Brasil está em sua leitura "histórica" do processo de formação econômica do Brasil, título do seu livro clássico de 1959. Ele é o primeiro autor que, utilizando a abordagem keynesiana, irá explicar o sentido do processo (então espontâneo) de industrialização que se verificava desde meados dos anos 1930. Para tanto, mergulha na

história para buscar as origens do nosso "atraso", na forma como o Brasil foi sendo inserido no quadro mais amplo da constituição e desenvolvimento do capitalismo nos países centrais.

IHU On-Line- Quais seriam, segundo Furtado, os momentos mais importantes da economia brasileira?

André Cunha- A crise de 1929, ao reduzir brutalmente a capacidade de o país importar, associada à política do Getúlio de proteger a renda do setor cafeicultor (comprando e, posteriormente, destruindo os estoques excedentes de café) criaram as condições propícias para o que ele chamou de "deslocamento do eixo dinâmico" da economia brasileira. A indústria, e não mais o setor primário, o mercado interno, e não mais o externo, poderiam ser as forças a conduzir o País para um novo patamar. Porém, já na conclusão da *Formação Econômica do Brasil* (1959), Furtado aponta que sem "racionalizar" a industrialização, através do planejamento estatal, e, fundamentalmente, sem atacar o problema da desigualdade na distribuição de renda, a industrialização poderia não conduzir ao desenvolvimento. O Plano de Metas do JK foi um experimento bem-sucedido no sentido daquela racionalização. Já nos ciclos posteriores de crescimento, no "Milagre" dos anos 1970, o Brasil teria, na visão de Furtado, simplesmente modernizado o seu subdesenvolvimento. Crescemos, mas a custas de um brutal endividamento externo, e com níveis crescentes de desigualdade. É desta época o livro *O Mito do Desenvolvimento Econômico* (1974), no qual ele denuncia a falácia de se confundir crescimento e desenvolvimento, e aponta para a perda de autonomia com o processo de crescimento da influência das empresas transnacionais.

IHU On-Line- Ele é considerado um dos responsáveis por fixar uma tradição de pensamento heterodoxa na economia. O que isso significa? E de que maneira essa tradição ajuda a compreender o Brasil atual?

André Cunha- Há várias formas de encarar essa questão. Eu começaria lembrando que Furtado já foi visto, por segmentos de uma esquerda política e acadêmica como sendo "ortodoxo demais". Por outro lado, seus detratores à direita o consideravam um subversivo de esquerda. Por vezes, "ortodoxia" e "heterodoxia" na Economia confundem-se com as questões políticas de um certo momento. É como o velho recorte "direita" e "esquerda". Furtado tem uma sólida formação econômica assentada nos autores clássicos e na moderna economia keynesiana. Evidentemente que ele leu Marx, cuja influência é nítida em diversas passagens dos seus trabalhos de caráter mais histórico. O fato é que Furtado sempre rejeitou a fossilização das idéias. Sua paixão em desvendar os mistérios do atraso brasileiro, e sua luta política institucional (na CEPAL, no BNDE, na SUDENE, como Ministro do Planejamento de Goulart, etc.) e acadêmica (quando a ditadura cassou seus direitos políticos) o levaram a encarar a Economia como um mero instrumento. A teoria econômica ortodoxa, o *mainstream* da Economia, é repleta de idéias que surgiram em um certo contexto histórico das economias centrais e que acabaram sendo transformadas em dogmas de validade universal e atemporal. A CEPAL e Celso Furtado se insurgem contra isso. As idéias têm um certo lugar na história. E os instrumentos teóricos só são válidos se capazes de responder aos dilemas de uma certa coletividade. A teoria do subdesenvolvimento é um exemplo neste sentido. Partindo de uma leitura histórica da constituição do capitalismo (e aí é nítida a influência de Marx) e tendo por referência o pensamento econômico convencional da época, Furtado mostra que o subdesenvolvimento é um fenômeno específico, que merece um tratamento analítico próprio e, mais importante, políticas próprias de enfrentamento. Aqui ele é heterodoxo, na medida em que não aceita a idéia convencional de que o atraso é uma etapa prévia do desenvolvimento, como se todos os países fossem virar, um dia, um EUA. Portanto, a principal herança de Furtado com

sua heterodoxia é a busca permanente de uma visão própria dos nossos problemas, com o intuito de enfrentá-los adequadamente. De fato, há no Brasil um espaço bem mais amplo da assim chamada heterodoxia econômica. O importante é que as novas gerações de economistas sejam capazes de enfrentar os velhos e os novos problemas com a vitalidade do pensamento criativo. Esta é a principal herança de Furtado.

IHU On-Line- Celso Furtado é um autor transdisciplinar?

André Cunha- Celso Furtado graduou-se em Direito, estudou técnicas de gestão e planificação, mergulhou na moderna sociologia norte-americana em busca de compreender as estruturas de poder, doutorou-se e exerceu sua vida pública como economista, trabalhou temas vinculados à cultura e utilizou a história como bússola analítica. A vida e a obra de Celso Furtado são um exemplo eloqüente de que quando se busca o real enfrentamento dos desafios de uma sociedade deve-se lançar mão de todos os instrumentos analíticos disponíveis. É pouco eficiente olhar e atuar sobre o mundo real a partir dos recortes que a academia costuma fazer.

IHU On-Line- Como o autor relaciona a economia e a política?

André Cunha- Para Furtado, a Economia é uma técnica, talvez a mais importante no sentido de se compreender e atuar sobre as sociedades modernas. Ela é meio e não fim. Já a política é o espaço onde uma certa coletividade pode construir opções de futuro. É o espaço da criação. Estes dois elementos estão sempre presentes na obra de Celso Furtado. A Economia ajuda a analisar o passado e pensar as alternativas de futuro, com seus riscos e oportunidades. Mas é no plano da política que as escolhas devem ser feitas. Furtado sempre foi um homem público, atuando em diversos órgãos de Estado. Presidindo a Comissão Mista CEPAL-BNDE, ele criou o instrumento usado por JK em seu Plano de Metas. Ele concebeu, criou e dirigiu a SUDENE. Foi Ministro de Estado por duas vezes. Mesmo cassado, não se furtou a pensar e planejar o futuro do Brasil. Na década de 1990, passou a questionar até que ponto um "país em construção" poderia delegar aos "mercados" a definição do seu futuro. O "pessimismo" que marcou seu pensamento desde o final dos anos 1960 foi potencializado pela percepção de que, no plano político, as elites brasileiras, mais uma vez, haviam sonogado ao país a possibilidade de se construir internamente as nossas opções.

IHU On-Line- O que faz com que na hora de estudar o Brasil, seja tão importante se deter na obra de Furtado?

André Cunha- Poucos autores foram capazes de combinar elementos aparentemente tão contraditórios quanto a razão e a paixão. Furtado é um analista racional que pesa com cuidado "custos" e "benefícios". É o seu viés de economista. Porém, a paixão e o compromisso com o país o levaram a ser um dos pensadores sociais mais criativos e relevantes que o Brasil já produziu. Impressiona saber que seus trinta e poucos livros (traduzidos em cerca de 15 idiomas) já venderam mais 2 milhões de exemplares. São marcas impressionantes para um cientista social. Creio que isso só foi possível na medida em que sua obra é um testemunho sobre nossas potências e fragilidades enquanto uma "nação em construção".

Confira a programação do *Ciclo de Estudos sobre o Brasil* neste semestre.

Data: 09 de outubro

Horário: 14h às 17h

Local: Sala 1G119

Livro: **A revolução burguesa no Brasil** - Florestan Fernandes
Prof. Dr. Carlos Águedo Nagel Paiva - Pesquisador Fundação Economia e Estatística - FEE

Data: 16 de outubro
Horário: 20h às 22h
Local: Auditório Central
Tema: **Perspectivas do Brasil com o novo governo**
Prof. Dr. Francisco Maria Cavalcanti de Oliveira - Professor na USP

Data: 23 de outubro
Horário: 17h30min às 19h
Local: Sala 1G119
Tema: **A contribuição do gaúcho para a construção da identidade nacional**
Prof. Dr. Donaldo Schüler - Professor aposentado na UFRGS

ABRINDO O LIVRO

A comunidade universitária está convidada a comparecer a mais uma edição do evento **Abrindo o Livro**, promovido pelo IHU. A próxima sessão será realizada no dia 29 de setembro, das 19h45min às 22 horas, na Sala de Seminários 2 da Biblioteca da Unisinos, com a apresentação do livro **Obras Escolhidas Volume 1: magia e técnica, arte e política**, de Walter Benjamin, pela Prof^ª. Dr.^a Suzana Killp, do Centro de Ciências da Comunicação da Unisinos. O evento é gratuito.

IHU IDÉIAS

Já em novo ambiente, a sala 1G119, junto ao IHU, e tendo como tema “A invenção do gaúcho por Simões Lopes Neto”, o último **IHU Idéias** teve à frente do debate a professora Dr.^a Márcia Lopes Duarte, do Centro de Ciências da Comunicação. Relacionando Lopes Neto com Jorge Luiz Borges, como fez em sua dissertação de mestrado, Márcia abordou o gaúcho sob os pontos de vista do mito, da história e da literatura. Segundo ela, o gaúcho é universal.

Ecos do Evento

“A explanação foi belíssima, clara, profunda e dinâmica. Simões Lopes Neto é um autor pouco conhecido e é fundamental para a literatura e para a filosofia. Esse evento ajudou a divulgar o nome de Lopes Neto no âmbito acadêmico”.

Prof. Dr. Luiz Rohden, mestre e doutor em Filosofia e professor do PPG em Filosofia, do Centro de Ciências Humanas da Unisinos

“A palestra foi ótima, mas muito rápida. Poderia ter aprofundado mais e ainda teríamos muitos questionamentos. Essa idéia de realizar um ciclo sobre o gaúcho é excelente, para continuarmos nessa seqüência tão importante para nossa cultura. O Brasil não conhece Simões Lopes Neto e nós gaúchos também não. Conversar sobre isso foi muito válido”.

Erno Scheffler, aluno do Seminário Concórdia, de São Leopoldo.

Na próxima edição do **IHU Idéias**, dia 11 de setembro de 2003, na sala 1G119, o tema a ser debatido será *11 de setembro: Ano III. Uma reflexão a partir de Jean Baudrillard*, com o Prof. Dr. Juremir Machado da Silva, professor na PUCRS. Confira na matéria de capa desta edição, uma entrevista com o professor Juremir, que é jornalista, historiador, formado pela PUCRS, doutor em Sociologia pela Universidade René Descartes, Paris V, Sorbonne, França, pesquisador do CNPq, pós-doutor em Sociologia da Cultura, pela Sorbonne, orientado por Michel Maffesoli, Jean Baudrillard e Edgar Morin.

Confira a programação do **IHU Idéias** no mês de setembro:

18/09/03 – “Os 100 anos de Theodor Adorno e a filosofia depois de Auschwitz”- Prof^ª. Dr^ª. Márcia Tiburi - Professora na Unisinos

25/09/03 – “A domesticação do exótico” – Prof^ª. Dr^ª. Paula Caleffi, professora na Unisinos

O **IHU Idéias** é um evento gratuito que acontece todas as quintas-feiras, na sala 1G119, junto ao IHU, das 17h30min às 19h. Ao final da explanação, sempre são servidas bebidas: chocolate quente, café e água.

INTERATIVO

Sala de Leitura



“Atualmente tenho me debruçado em leituras sobre museus, suas teorias, práticas, utopias e sobre a questão da gestão do patrimônio. Leio, ao mesmo tempo, dois livros sobre esse assunto. Um deles é **Gestión del patrimonio cultural**, de J. Ballart Hernández e Jordi Juan i Tresserras. Barcelona: Ariel, 2001. Esse livro aborda o que seria patrimônio cultural, o que entendemos por esse conceito, qual o propósito de conservar objetos, a relação entre patrimônio e memória, considerando o patrimônio representado nos museus de História, a relação com a formação de uma consciência patrimonial, e a relação do patrimônio com o turismo, sendo o patrimônio visto como a representação de uma cultura. A obra também aborda a questão da gestão, da profissionalização da gestão cultural e os modelos de organizações gestoras, bem como as funções das organizações patrimoniais, explicando como elas são organizadas, as funções que têm, seus recursos, os financiamentos, até chegar às políticas culturais e o uso social do patrimônio.

O segundo livro que leio, da autora Aurora León, é **El museo: teoría, praxis y utopía**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1990. Esta obra dá uma visão mais geral, abrangendo desde o conceito do que é um museu, até a forma como ele deve ser. Isso porque o conceito atual de museu, como um lugar onde se expõem coisas velhas, está em crise. A autora propõe a tomada da idéia de museu como algo dinâmico, ligado à questão da memória. O museu do passado era o lugar onde se exibiam coleções, sem nenhum estudo, sem significados. Hoje podemos retomar esses conceitos, resignificando-os, fazendo pesquisas, contextualizando com diferentes representações, diferentes povos e culturas. Além disso, essa segunda obra trata do contexto do espaço museológico, num espaço urbano, levando em conta a questão da arquitetura e da dialética das relações humanas e objetuais, do homem e dos objetos, como ele organiza essa relação com este objeto

como representativo de uma cultura. Como estamos organizando o projeto de um curso sobre museologia para a Unisinos, que já foi aprovado, achei fundamental ler sobre o assunto para ter um subsídio maior”.

Profª. Drª. Eloisa Capovilla, doutora e mestre em História e professora do PPG em História da Unisinos.



“O livro que atualmente estou relendo, intitula-se **Vida Maravilhosa - O acaso na evolução e a natureza da história**, de Stephen Jay Gould. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. O livro trata sobre a visão que os paleontólogos tinham sobre as espécies encontradas no Folhelho Burgess (Canadá) e sua evolução. Esta foi uma das mais importantes descobertas do mundo paleontológico. O tema é abordado de uma forma clara, simples e ilustrativa”.

Prof. Itamar Leipnitz, doutor e mestre em Geociências e professor do PPG em Geologia da Unisinos.



“Estou lendo **Drácula**, de Bram Stoker. Nova Iorque: Bantam, 1981. O livro conta a história de um vampiro. Ao contrário do que se pode supor, pela banalização da história de Drácula, narrada nos filmes e desenhos, não se imagina o belo romance que há por detrás dessas adaptações. Não é uma história mal concebida. Ela é relatada sob forma de diários e vai construindo paulatinamente um clima de tensão que envolve o leitor e o faz perseguir a aventura com muita ansiedade e interesse”.

Profª. Drª. Juracy Saraiva, doutora e pós-doutora em Linguística e Letras e professora-pesquisadora do Centro de Ciências da Comunicação.

Cartas do Leitor

Caros amigos,

Temos acompanhado os debates que este Instituto vem desenvolvendo e os parabenizamos por tão bom trabalho.

Gostaria de receber o informativo on-line e por isso pediria que me incluíssem na sua lista. Se for possível, me enviem o informativo número 61, de 26 de maio, o qual traz na capa "Água: fonte de democracia global".

Muito obrigado por sua atenção.

José dos Passos, sj

EXPEDIENTE:

IHU On-Line é uma publicação semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU -, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos- Unisinos. Coordenador do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling (inacio@bage.unisinos.br). Coordenadora Adjunta: Profª MS Vera Regina Schmitz (verasc@poa.unisinos.br). Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montañó (soniam@icaro.unisinos.br), Pedro Osório (osorio@bage.unisinos.br) e Graziela Wolfart (graziela@poa.unisinos.br). Revisão: Profª Mardilê Friedrich Fabre (mardile@centauro.unisinos.br). Projeto gráfico: AgexCom. IHU On-Line circula às 2ªs feiras via e-mail e pode ser acessado no sítio <http://www.ihu.unisinos.br/>. Sua versão impressa circula internamente na Unisinos. Endereço: Av. Unisinos, 950 – São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuinfo@poa.unisinos.br . Fone: 51 5903333 – Ramais 4121 ou 4128. E-mail do IHU: humanitas@poa.unisinos.br . Ramais: 1173 e 1195.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS